

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO SÓCIO-ECONÔMICO
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA**

MÁRCIO ALEXANDRE ZANINI

**UMA RADIOGRAFIA DO COMPORTAMENTO DO MERCADO DE
TRABALHO FORMAL NO SETOR DE SERVIÇOS
EM SANTA CATARINA (1990-2005)**

**Florianópolis
2007**

MÁRCIO ALEXANDRE ZANINI

**UMA RADIOGRAFIA DO COMPORTAMENTO DO MERCADO DE
TRABALHO FORMAL NO SETOR DE SERVIÇOS
EM SANTA CATARINA (1990-2005)**

Excluído: ¶

Excluído: ¶

Monografia apresentada ao Curso de
Graduação em Ciências Econômicas
da Universidade Federal de Santa
Catarina, como requisito parcial à
obtenção do grau de bacharel em
Ciências Econômicas.

Excluído: Projeto de

Excluído: o

Excluído: à

Excluído: para a

Orientador: Prof. Pedro Antônio
Vieira

Excluído: ¶

¶

Florianópolis
2007

MÁRCIO ALEXANDRE ZANINI

**UMA RADIOGRAFIA DO COMPORTAMENTO DO MERCADO DE
TRABALHO FORMAL NO SETOR DE SERVIÇOS
EM SANTA CATARINA (1990-2005)**

Esta monografia foi julgada adequada à obtenção do título de BACHAREL EM ECONOMIA e aprovada em sua forma final com nota _____, na área de Economia do Trabalho no Curso de Graduação em Ciências Econômicas da Universidade Federal de Santa Catarina.

EXAMINADORES:

Prof. Dr. Pedro Antônio Vieira (Presidente)

Prof. Dr. Laércio Barbosa Pereira (Membro)

Aprovada em: _____

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho de monografia primeiramente a Deus por ter me concedido à capacitação, esclarecimento e entendimento necessários para a realização das pesquisas. E, em segundo lugar, a minha querida e amada namorada, Ana Maria Bleichvel Costa, que foi essencial nessa minha jornada, sempre tentando me compreender e me apoiando nos momentos difíceis, nessa nova e importante etapa da minha vida para que este trabalho fosse realizado com sucesso.

AGRADECIMENTOS

Excluído: ¶

Agradeço primeiramente a Deus pela minha vida e por me iluminar o caminho em todas as horas difíceis.

Ao meu orientador, professor Pedro Antonio Vieira, que esteve sempre pronto a ajudar e orientar, contribuindo para este trabalho e para minha vida profissional.

A minha mãe que sempre me apoiou e incentivou em minhas realizações.

Ao meu pai que sempre acreditou no meu potencial e me deu suporte para atingir meus objetivos.

Ao meu irmão que sempre me apoiou quando precisei.

E, a todos os meus amigos que me apoiaram e acreditaram no meu sucesso.

EPÍGRAFE

“Nenhum problema pode ser resolvido a partir da mesma consciência que o criou. É necessário aprender a ver o mundo de uma maneira nova e revigorada.”

Albert Einstein

RESUMO

Importantes mudanças estão ocorrendo na economia mundial a partir do final da década de 70, decorrentes do advento da inovação tecnológica e do processo de reestruturação capitalista, desencadeando uma maior interdependência entre as economias, dando lugar ao que se chama de globalização. Neste processo, as relações de trabalho se transformaram, o modelo de produção pós-fordista que privilegia a produtividade ancorada na flexibilidade, passou a produzir mudanças na economia e na tendência do emprego, sendo expressos em fatores como redução das remunerações, precarização das relações de trabalho e exclusão social, situação comum nos diversos setores das atividades econômicas. No Brasil, essas mudanças econômicas se intensificaram nos anos 90 com a abertura comercial, o ajuste fiscal e a desregulamentação de mercados, contribuindo para a crescente desestruturação do mercado de trabalho. Santa Catarina apresenta um Mercado de Trabalho que segue os mesmos parâmetros da economia nacional no que se refere às tendências do emprego. Houve crescimento de emprego formal em quase todos os setores produtivos, gerando um saldo positivo para o período, sendo que a expansão no setor de serviços é o que mais se evidencia. O presente estudo verifica as tendências do comportamento do mercado de trabalho formal no Setor de Serviços em Santa Catarina nas últimas décadas no contexto dessas transformações econômicas e das mudanças do mercado de trabalho com ênfase no que ocorre no Brasil. Objetivando realizar uma análise de períodos mais recentes, em que algumas dessas transições ainda estão produzindo seus efeitos definitivos, foram utilizados dados do período de 1990 até 2005. Para tanto, a metodologia empregada foi a bibliográfica, que contempla as mudanças da economia mundial e das transformações do mercado de trabalho. O Mercado de Trabalho Formal de Santa Catarina é analisado utilizando a base de micro dados do Registro Anual de Informações Sociais (RAIS) do Ministério do Trabalho (MTE). As análises propostas são oportunas no momento atual da economia brasileira e catarinense em que busca-se manter a estabilidade econômica, alavancando o desenvolvimento com geração de empregos. A pesquisa aponta algumas tendências para o setor de serviços: o crescimento das mulheres no mercado de trabalho formal, aumento das ocupações de trabalhadores com maior grau de instrução e concentração de trabalhadores ocupados na faixa etária de mais idade.

Palavras-chave: Santa Catarina, Transformações Econômicas, Globalização, Mercado de Trabalho, Reestruturação Produtiva, Setor de Serviços.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1: Mundo.Evolução da Estrutura Ocupacional,1995 e 1998 (%).....	34
Gráfico 2: Santa Catarina. Evolução da Estrutura Ocupacional, 1990 e 2005 (%)..	35
Gráfico 3: Brasil- Taxa Anual de Desemprego Aberto na Regiões Metropolitanas .	36
Gráfico 4: Participação em (%) Segundo Setores de atividades Econômicas no Setor de Serviços em Santa Catarina de 1990 a 2005	42
Gráfico 5: Participação em (%) nos Subsetores de atividades Econômicas no Setor de Serviços em Santa Catarina (1990 a 2005)	46
Gráfico 6: Participação em (%) Segundo Grau de Instrução por Gênero no Setor de Serviços em Santa Catarina: um Recorte do Ano de 2005	52
Gráfico 7: Participação em (%) por Faixa Etária no Setor de Serviços em Santa Catarina de 1990 a 2005	55
Gráfico 8: Participação em (%) Por faixa salarial no Setor de Serviços em Santa Catarina de 1990 a 2005	57
Gráfico 9: Participação em (%) Tamanho de Estabelecimento no Setor de Serviços em Santa Catarina de 1990 a 2005	59

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Setores Econômicos em Santa Catarina (1990 e 2005)	41
Tabela 2: Subsetores de Atividades Econômicas no Setor de Serviços em Santa Catarina (1990 e 2005)	44
Tabela 3: Gênero segundo subsetores do Setor de Serviços em Santa Catarina (1990 e 2005)	48
Tabela 4: Grau de Instrução segundo subsetores do Setor de Serviços em Santa Catarina (1990 e 2005)	49
Tabela 5: Faixa Etária segundo subsector do setor de Serviços em Santa Catarina (1990 e 2005)	49
Tabela 6: Grau de Instrução por Gênero do Setor de Serviços em Santa Catarina (1990 e 2005)	50
Tabela 7: Faixa Etária no setor de Serviços em Santa Catarina (1990 e 2005)	54
Tabela 8: Faixa de Remuneração Média no setor de Serviços em Santa Catarina (1990 e 2005)	56
Tabela 9: Tamanho do estabelecimento do setor de Serviços em Santa Catarina (1990 e 2005)	58

SUMÁRIO

Excluído: ¶
¶

<u>CAPÍTULO 1 – INTRODUÇÃO</u>	12
1.1. TEMA E PROBLEMA	12
1.2. OBJETIVOS DA PESQUISA	15
1.2.1. Objetivo Geral	15
1.2.2. Objetivos Específicos	15
1.3. METODOLOGIA	16
1.4. ESTRUTURA E DESCRIÇÃO DOS CAPÍTULOS	18
<u>CAPÍTULO 2 - AS TRANSFORMAÇÕES ECONÔMICAS NOS ANOS 90</u>	20
2.1. O Processo de Globalização	20
2.2. A Globalização e a Economia Brasileira	21
2.3. A Reestruturação Produtiva	23
2.4. O Processo de Transformação Produtiva na Economia Brasileira	24
<u>CAPÍTULO 3 - O MERCADO DE TRABALHO NO BRASIL E A GLOBALIZAÇÃO</u>	
<u>ECONÔMICA</u>	28
3.1. <u>Conceitos de Mercado de trabalho formal, população, emprego e desemprego</u>	28
3.2. <u>A Globalização e o Aumento de Desemprego</u>	30
3.3. <u>A Flexibilização das Relações de Trabalho no Brasil</u>	32
3.4. <u>Evolução da Estrutura ocupacional no Mundo e em Santa Catarina</u>	33
3.5. <u>Evolução da taxa de desemprego no Brasil nos anos 90</u>	36
<u>CAPÍTULO 4 - O MERCADO DO TRABALHO CATARINENSE NOS ANOS DE</u>	
<u>1990</u>	39
4.1. <u>As Transformações do Mercado de Trabalho Catarinense Frente à Reestruturação Produtiva</u>	39
4.2. <u>Empregos formais em Santa Catarina de acordo com os Setores Econômicos</u>	40
<u>CAPÍTULO 5 - ANÁLISE DO COMPORTAMENTO DO MERCADO DE TRABALHO</u>	
<u>FORMAL NO SETOR DE SERVIÇOS EM SANTA CATARINA (1990-2005)</u>	43
5.1. <u>Uma Breve Definição Sobre o Setor Serviços</u>	43

5.2. Emprego Formal Segundo Subsetores de Atividades Econômicas Setor de Serviços de Santa Catarina (1990-2005)	44
5.3. Emprego Formal Segundo o desmembramento dos subsectores: comércio, administração de imóveis, técnico-profissionais; serviço de manufaturas, reparação, alojamento, alimentação e ensino. Em relação as variáveis de gênero, grau de instrução e faixa etária. no Setor de Serviços de Santa Catarina (1990-2005)	48
5.4. Emprego Formal grau de instrução por gênero no Setor de Serviços de Santa Catarina (1990-2005).....	50
5.5. Emprego Formal Segundo faixa etária no Setor de Serviços de Santa Catarina (1990-2005).....	54
5.6. Emprego Formal Segundo faixa de remuneração média no Setor de Serviços de Santa Catarina (1990-2005).....	56
5.7. Emprego Formal Segundo tamanho de estabelecimento no Setor de Serviços de Santa Catarina (1990-2005).....	58

CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
-----------------------------------	----

RECOMENDAÇÕES	66
----------------------------	----

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	67
-----------------------------------------	----

1 - INTRODUÇÃO

_____ A economia mundial atravessa um período de reestruturação profunda após a crise dos anos 70. Um dos aspectos que merece destaque nesse processo é a transformação revolucionária sobrevinda no campo da tecnologia, com as inovações combinadas nas áreas de microeletrônica e informática, telecomunicações, transporte, biotecnologia e novos materiais. Na variada gama de suas múltiplas aplicações, esses avanços têm acarretado mudanças significativas na forma de organização e no comportamento até então predominantes em diferentes setores de atividade econômica. Este processo de reestruturação produtiva, marcado pela deterioração da antiga estrutura de organização do trabalho.

Excluído: ¶

Excluído: ¶

Desde o início dos anos 70 a

Excluído: .

_____ Nessa perspectiva, a pesquisa faz uma breve análise do que ocorreu na economia mundial nas últimas décadas do século XX e, posteriormente, discute-se os impactos dessas mudanças no mercado de trabalho, contextualizando o Brasil nesse período.

Excluído: ¶

..

_____ Posteriormente, faz-se uma rápida análise do mercado de trabalho catarinense frente ao processo de reestruturação produtiva.

Excluído: ¶

..

_____ O presente trabalho demonstra uma tendência, diante do que já foi pesquisado em relação à revisão teórico empírica, de que o mercado de trabalho catarinense, no final das décadas do século XX, aponta para uma expansão do setor Serviços, evidenciado na tabela 1; a precarização das relações de trabalho (tabela 8 e gráfico 9); e, observa-se que o setor Terciário conseguiu empregar mais trabalhadores que o setor na indústria de transformação de Santa Catarina (gráfico 2 e tabela 1).

Excluído: ¶

..

1.1. TEMA E PROBLEMA

Excluído: ¶

¶

¶

¶

O processo de globalização mundial e o desenvolvimento da tecnologia nas últimas décadas do século XX geraram transformações significativas nos grandes setores produtivos da economia.

O mercado de trabalho também sofreu grandes mudanças. Mas para adentrar na questão dos empregos, é preciso ter uma base de como os avanços

tecnológicos influenciaram até hoje a vida do homem. RIFKIN (2004) dividiu a história dos meios de produção em três períodos: Primeira, Segunda e Terceira Revolução Industrial.

a) Primeira Revolução Industrial:

Na Primeira Revolução Industrial, a energia movida a vapor foi usada para a extração de minério, na indústria têxtil e na fabricação de uma grande variedade de bens que anteriormente eram feitos à mão. O navio a vapor substituiu a escuna e a locomotiva a vapor substituiu os vagões puxados a cavalo, melhorando significativamente o processo de transporte de matéria-prima de produtos acabados, substituindo muito do trabalho físico.

b) Segunda Revolução Industrial:

A Segunda Revolução Industrial ocorreu entre 1860 e a I Guerra Mundial. O petróleo começou a competir com o carvão e a eletricidade foi efetivamente utilizada pela primeira vez, criando uma nova fonte de energia para operar motores, iluminar cidades e proporcionar comunicação instantânea entre as pessoas. A exemplo da revolução do vapor, o petróleo a eletricidade e as invenções que os acompanharam na Segunda Revolução Industrial continuaram a transferir a carga da atividade econômica do homem para a máquina.

c) Terceira Revolução Industrial:

A Terceira Revolução Industrial se evidencia, de acordo com Coutinho (1992), após a II Guerra Mundial e somente agora está começando a ter um impacto significativo no modo como a sociedade organiza sua atividade econômica. A partir dos anos 80, robôs com controle numérico, computadores e softwares avançados estão invadindo a última esfera humana – os domínios da mente. Adequadamente programadas, estas novas "máquinas inteligentes" são capazes de realizar funções conceituais, gerenciais e administrativas e de coordenar o fluxo da produção, desde a extração da matéria-prima ao marketing até a distribuição do produto final e dos serviços.

A maquinária na indústria e a gerência científica permitem a automação de base eletromecânica, ou seja, a substituição da mão-de-obra do trabalhador, por máquinas capazes de reproduzir os ciclos da produção.

A Era da Informação chegou. Nos próximos anos, novas e mais sofisticadas tecnologias de software aproximarão cada vez mais a civilização de um mundo praticamente sem trabalhadores. Nos setores da agricultura, manufatura e serviços, as máquinas estão rapidamente substituindo o trabalho humano e prometem uma economia de produção quase totalmente automatizada, já nas primeiras décadas do século XXI. A maciça substituição do homem pela máquina forçará cada nação a repensar o papel a ser desempenhado pelos seres humanos no processo social (RIFKIN, 2004, p. XLVII).

Este novo paradigma é decorrente fundamentalmente das inovações tecnológicas e organizacionais, de maior interdependência dos mercados financeiros, abertura comercial e da flexibilização das relações do trabalho. É nesse contexto, em uma busca contínua da redução da tutela do estado, ditadas por políticas econômicas neoliberais sobre as relações de emprego, que se estabelece uma nova configuração do mercado de trabalho, com o aumento do nível de desemprego, o crescimento da informalização nas relações trabalhistas e o deslocamento setorial do emprego.

Excluído: 1

Neste contexto, estudos têm sublinhado a tendência à desestruturação do mercado de trabalho, qualquer que seja o ponto de vista que se adote: nível de emprego, grau de formalização do trabalho, rendimentos reais. Essa tendência, que começou a se evidenciar nos anos 80, acentua-se brutalmente nos anos 90. Conforme alerta Mattoso, o desemprego e a precarização decorrentes dessa desestruturação, observados ao longo da década passada “são um fenômeno de amplitude nacional, de extraordinária intensidade e jamais ocorrido na história do país” (MATTOSO, 1999, p. 9).

Santa Catarina apresenta um mercado de trabalho condizente com essas mudanças na economia nacional e em relação às tendências do emprego. Observam-se mudanças de re-alocação dos setores produtivos da economia. O emprego na indústria cresceu, porém aumentou relativamente menos que o setor terciário (gráfico 2 e tabela1) que é caracterizado pelo setor de serviços. Identifica-se uma maior concentração de trabalhadores ocupados com o nível de escolaridade mais elevado (tabelas 6 e 8).

O entendimento deste processo passa pela identificação dos fatores que impulsionam transformações em âmbito mundial, assim como no que diz respeito aos seus efeitos locais.

Nesse intuito, o presente estudo busca responder os seguintes questionamentos:

- Quais as mudanças que vêm ocorrendo no mercado de trabalho nas últimas décadas do século XX?
- Qual o comportamento específico do mercado de trabalho catarinense formal nos anos 90 no Setor de Serviços?

1.2. OBJETIVOS DA PESQUISA

1.2.1. Objetivo geral

O objetivo geral deste estudo é em analisar o comportamento do mercado trabalho formal no Setor de Serviços em Santa Catarina de 1990 até 2005, frente às transformações em curso no cenário econômico, no mercado de trabalho brasileiro e mundial.

Excluído: da pesquisa

Excluído: na década de 1990

Excluído: na

Excluído: omnia

1.2.2. Objetivos Específicos

Diante do objetivo geral, têm-se como objetivos específicos:

- Identificar e analisar as transformações econômicas no âmbito da III Revolução Industrial, assim como, seus impactos sobre o mundo do trabalho em um contexto global;
- Interpretar as principais mudanças no mercado de trabalho nacional no conjunto geral desse processo da reestruturação produtiva do sistema capitalista;

- Analisar o comportamento e a dinâmica do mercado de trabalho formal no Setor de Serviços em Santa Catarina, a partir do início da década de 1990, frente às mudanças estruturais no mercado mundial.

1.3. METODOLOGIA

A monografia consiste em um trabalho científico, que na graduação de Ciências Econômicas é uma exigência para a conclusão do curso e obtenção do grau de Bacharel em Ciências Econômicas.

Segundo BEUREN (2003, p. 40) “monografia é um trabalho acadêmico que objetiva a reflexão sobre um tema ou problema específico e que resulta de um procedimento de investigação sistemática”. No âmbito didático, FACHIN (2002 *apud* BEUREN, 2003, p. 40) “descreve a monografia como um ensaio, em que o educando alicerça as bases para um trabalho mais aprofundado, além do cumprimento de um requisito em certos cursos”.

Desta forma, a monografia caracteriza-se como um trabalho científico de um tema delimitado, onde observa, reúne e organiza informações suficientes para posterior análise e interpretação do tema em estudo. A monografia objetiva a busca da realidade, MINAYO (1993, p.23), afirma que:

Excluído:

“Pesquisa é a atividade básica das ciências na sua indagação e descoberta da realidade. É uma atitude e uma prática teórica de constante busca que define um processo intrinsecamente inacabado e permanente. É uma atividade de aproximação sucessiva da realidade que nunca se esgota, fazendo uma combinação particular entre teoria e dados.”

Excluído: ¶

De acordo com SILVA e MENEZES (2001, p. 20) “Pesquisa é um conjunto de ações, propostas para encontrar a solução para um problema, que têm por base procedimentos racionais e sistemáticos”.

Excluído:

SILVA e MENEZES (2001, p. 20) também informam que a pesquisa quantitativa “considera que tudo pode quantificar, o que significa traduzir em números opiniões e informações para classificá-las e analisá-las”.

Excluído: ¶

A pesquisa descritiva visa especificar as características de determinada população, fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis.

Excluído: ¶

Para LAKATOS e MARCONI (1991, p. 187), as pesquisas quantitativo-descriptivas:

Excluído:

[...] consistem em investigações de pesquisa empírica cuja principal finalidade é o delineamento ou análise das características de fatos ou fenômenos, a avaliação de programas, ou o isolamento de variáveis principais ou chaves. Qualquer um desses estudos pode utilizar métodos formais, que se aproximam dos projetos experimentais, caracterizados pela precisão e controle estatísticos, com a finalidade de fornecer dados para a verificação das hipóteses. Todos eles empregam artifícios quantitativos tendo por objetivos a coleta sistemática de dados sobre populações, programas, ou amostras de populações e programas. Utilizam várias técnicas como entrevistas, questionários, formulários e empregam procedimentos de amostragem.

___ Pode-se apurar também neste trabalho monográfico, traços característicos de pesquisa exploratória que segundo Gil (2002, p. 40), visa “proporcionar mais familiaridade com o problema, com vista a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses”.

___ Referente à pesquisa exploratória, BEUREN (2003, p. 80) afirma que “uma característica interessante da pesquisa exploratória consiste no aprofundamento de conceitos preliminares sobre determinada temática não contemplada de modo satisfatório anteriormente”, como também ressalta, que “por meio do estudo exploratório, busca-se conhecer com maior profundidade o assunto, de modo a torná-lo mais claro ou construir questões importantes para a condução da pesquisa”.

Excluído: ¶

___ Na elaboração deste trabalho, a metodologia a ser empregada será analítico-descritiva, a partir de um olhar teórico-empírico, embasada na literatura especializada sobre o tema, aliado ao caráter quantitativo impresso pelo uso de dados estatísticos que permitem acompanhar a evolução do emprego no Estado de Santa Catarina.

Excluído: ¶

___ O objeto de estudo é o mercado de trabalho catarinense, no qual a interpretação será desenvolvida a partir de dados agregados para o Estado. A pesquisa empírica do trabalho tem como referencial o Programa de Disseminação das Bases de Dados do MTE (Ministério do Trabalho e Emprego), com informações oriundas do RAIS (Registro Anual de informações Anuais) utilizadas em análises sobre o mercado de trabalho no Brasil. A monografia será caracterizada com objetivos exploratórios.

Excluído: ¶

Conceituação da RAIS - Relação Anual de Informações Sociais: registro criado pelo Decreto nº 76.900/75. Através de declaração anual e obrigatória às empresas regularmente registradas no país, contendo dados de todos os empregados que possuíram vínculo empregatício ao longo do ano, é possível caracterizar o mercado formal de trabalho formal.

Pode-se dizer que a RAIS é um censo do mercado de trabalho formal, onde são obtidos dados do mercado de trabalho relativos aos empregados, possibilitando a divulgação dessas informações com diferentes recortes, tais como: tipo de vínculo, remuneração, grau de instrução, data de nascimento, nacionalidade, além de informações referentes aos estabelecimentos e respectivas atividades econômicas, áreas geográficas, entre outros dados.

A RAIS auxilia na definição das políticas de formação de mão de obra e na geração de estatísticas sobre o mercado de trabalho formal.

Excluído: ¶
¶ CONCEITUAÇÃO DA
Excluído:
Excluído: ¶
A RAIS
Excluído: - é um
Excluído: administrativo
Excluído: . A
Excluído: é
Excluído: a todos os
Excluído: estabelecimentos existentes no território nacional.
Excluído: A
Excluído: se caracteriza por
Excluído: C
Excluído: e, essencialmente, capta
Excluído: e
Excluído: e de
Excluído: relativos
Excluído: à

1.4. ESTRUTURA E DESCRIÇÃO DOS CAPÍTULOS

Com o objetivo de verificar e reunir as discussões a respeito do tema proposto, a presente monografia está estruturada em cinco capítulos:

No primeiro capítulo, será demonstrado a importância, bem como o contexto no qual está inserido o estudo. O capítulo será composto de tema e problema, objetivos da pesquisa, metodologia e estrutura e descrição dos capítulos.

No capítulos seguintes, serão abordados a fundamentação teórica, sendo que o segundo capítulo, que trata das transformações econômicas nos anos 90, foi dividido em seções, de modo a buscar um melhor arranjo das informações para dar sustentação teórica ao estudo. Este capítulo será dividido em 4 seções, possuindo como tópicos: o processo de globalização, a globalização e a economia brasileira, e reestruturação produtiva e o processo de transformação produtiva na economia brasileira.

O terceiro capítulo conceitua o mercado de trabalho e as principais consequências trazidas pela globalização econômica, como o aumento do desemprego, a flexibilização das relações de trabalho e a evolução da taxa de desemprego no Brasil nos 90.

Excluído:
Excluído: A presente monografia está estruturada em quatro capítulos, a fim de
Excluído: .
Excluído: ¶
Excluído: ¶
Excluído: segundo capítulo
Excluído: ,
Excluído: , no qual estará
Excluído: a
Excluído: o
Excluído: 2

O quarto capítulo analisa o comportamento do Mercado de Trabalho de Santa Catarina, dando enfoque nas transformações da economia catarinense, informações sobre a formação econômica do Estado, transformações do mercado de trabalho catarinense frente à reestruturação produtiva. Posteriormente, faz-se uma breve análise no comportamento do mercado de trabalho formal nos Setores Econômicos de Santa Catarina.

Excluído:

Excluído: terceiro

Excluído: na primeira seção da um

Excluído: trazendo

Excluído: . Depois se analisa

O quinto e último capítulo trata a respeito de uma radiografia no Setor de Serviços. Primeiramente, apresenta-se uma breve definição sobre o setor de serviços e, posteriormente, a análise nos Subsetores das Atividades Econômicas do Setor de Serviços (Instituições Financeiras, Com. Adm. Serv. Téc-Prof., Transportes e comunicações, Serviços Médicos e Odontológicos, Serv. Aloj. Alim. Rep. Manut., e Ensino). Em seguida, apresenta-se o subsetor de serviços desmembrado em três subsetores: Comércio, Administração de Imóveis, Técnico-Profissionais; Serviços de Manutenção, Reparação, Alojamento, Alimentação e Ensino.

Finalizando com o setor de serviços sendo estudado através de quatro indicadores do nível de emprego formal. Sendo estes, em relação ao Grau de Instrução por Gênero, Faixa Etária, Faixa Média de Remuneração, em relação ao Tamanho de Estabelecimento.

Excluído: sobre o mercado de Santa Catarina segundo

CAPÍTULO 2 - AS TRANSFORMAÇÕES ECONÔMICAS NOS ANOS 90

Excluído: ¶
Capítulo 2

Excluído:

Neste capítulo será desenvolvido um quadro teórico sobre os fatores que causaram impacto na economia nos anos 90 e que auxiliarão no desenvolvimento dos demais capítulos.

2.1. O PROCESSO DE GLOBALIZAÇÃO

A sociedade contemporânea tem sofrido profundas transformações no final do século XX. Com o desenvolvimento progressivo das novas tecnologias e com o redimensionamento de forças no campo político e econômico a nível mundial, assiste-se ao surgimento do fenômeno que tem sido chamado de globalização.

Excluído:

A globalização é um processo que se desenvolve em escala mundial, apontando não mais para um mundo polarizado entre capitalismo e socialismo, como nos tempos da guerra fria, mas, sim, para um mundo eminentemente capitalista. Daí decorre a criação de uma sociedade global, de um lado caracterizada cada vez mais pela informatização dos meios de comunicação e pela mundialização crescente da economia, e de outro pelo papel mínimo do Estado, que se torna mais reduzido. As crescentes mudanças no cenário econômico, como a criação e fortalecimento dos blocos econômicos, que promovem a eliminação das fronteiras que apontam para uma nova estrutura e funcionamento da sociedade global. A dissolução das categorias de espaço e tempo se evidencia num processo cada vez mais intenso e generalizado. Segundo IANNI (1992), mesclando povos e culturas, precipitando transformações e alterações da geografia e a história.

A intensidade do processo de globalização do desenvolvimento tecnológico tem provocado uma crise nos modos de trabalhar e de viver neste final de século. A globalização, tal como está sendo proposta (ANTUNES, 1995; CATTANI, 1996; VIZENTINI, 1996), aprofunda diferenças e desigualdades e gera, no mundo do trabalho, uma nova forma de exclusão, ou seja, do desemprego em massa. Da mesma forma, reorganiza e reestrutura as forças produtivas econômicas e sociais. Pode-se dizer que o fenômeno da globalização mundializou problemas como o desemprego. O cenário internacional mostra-se instável e em constante transformação, uma nova ordem global mostra-se com a emergência de novas

Excluído: ,

Excluído: ,

estruturas no âmbito da política internacional e há uma transformação histórica em curso.

Excluído: . H

2.2. A GLOBALIZAÇÃO E A ECONOMIA BRASILEIRA

Nos anos 80 e início dos 90, o mercado de trabalho brasileiro sofreu uma série de choques exógenos. Foi a partir dos anos 70 com a crise mundial do petróleo e das taxas de juros reais internacionais que o Brasil sofreu os seus efeitos maléficos na economia. Como resultado, teve um déficit do balanço de pagamentos. A partir de então foram necessárias severas medidas econômicas para baixar o nível da demanda efetiva através de política monetária. Por fim, no início de 1990, congelaram-se os ativos, o que resultou em um forte choque de demanda na economia com uma alta taxa de desemprego.

Excluído: .

A acelerada internacionalização dos mercados e da produção tem sido acompanhada por um intenso processo de reformas estruturais, que gerou mudanças drásticas nos regimes de incentivos à produção e ao comércio, assim como estratégias e formas de inserção das empresas transnacionais nas economias da região.

No Brasil houve uma mudança de rumo da política econômica brasileira desde o governo Collor, e, sobretudo a partir de 1994 com o Plano Real, quando em nome da estabilização monetária o governo brasileiro adotou um conjunto de políticas nos campos cambial, financeiro e comercial que submeteu a economia nacional de forma repentina à competição internacional.

Formou-se um quadro macroeconômico, caracterizado por forte valorização cambial, elevadas taxa de juros interna e rápida abertura às importações, que obrigou os produtores brasileiros a enfrentar, em condições desiguais, intensa competição externa. Essas políticas macroeconômicas, associadas às distorções do sistema tributário brasileiro e a deficiências da infra-estrutura econômica, acabaram se revelando destrutivas para muitas empresas nacionais, especialmente as de menor porte e as mais expostas à competição com produtores estrangeiros. Ao mesmo tempo, a economia doméstica ficou mais dependente de capitais externo e mais vulnerável às flutuações do contexto financeiro internacional. (NOGUEIRA, 2007)

De acordo com MONTANHOLE (2007), pode-se relacionar as seguintes características do processo de globalização:

- Internacionalização da produção;
- Internacionalização das finanças;
- Criação de uma nova divisão de trabalho: que afetou as definições de emprego e desemprego, e a
- Regulação salarial.

A globalização da economia exige das empresas nacionais um esforço para se adaptarem à nova realidade mundial, com métodos cada vez mais apurados de administração empresarial, controle eficaz do capital financeiro, novas tecnologias, baixos custos de produção, mão-de-obra altamente qualificada. No mundo globalizado, a competição e a competitividade entre as empresas tornaram-se questões de sobrevivência.

O mesmo autor prossegue afirmando que inserido nessa conjuntura, nessa nova ordem econômica, o Brasil fez a abertura econômica para o exterior, tem aplicado a política de privatizações e empenha-se em desregular sua economia, oferecendo vantagens às transnacionais para que aqui se instalem. Em alguns segmentos da economia, como as indústrias farmacêuticas, da borracha, do fumo e a automobilística, existe um domínio absoluto das transacionais. Cerca de 44% do total das exportações de manufaturados brasileiros são das transacionais (MONTANHOLE, 2007).

Já, para Guimarães: “O crescimento da produção geraria um aumento proporcional do emprego, gerando (...) crescimento do desemprego estrutural (...) Polarizavam-se os postos de trabalho em “bons” e “maus” empregos (...) e diferenciaria os trabalhadores por seus níveis de capital humano...”(GUIMARÃES, 2002, p. 105). Isso significa que, quanto maior a qualificação individual, melhores são as chances no mercado de trabalho”. No Brasil, existem empregos com diferentes estatutos, “... empregos não regulares e regulares, trabalhador regulares e bicos...”(GUIMARÃES, 2002, p. 113) e um trânsito entre desemprego e inatividade.

2.3. A REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA

Depois da década de setenta, observou-se um processo de reestruturação produtiva, marcado pela introdução de inovações tecnológicas. De acordo com HARVEY (1998:140), o processo de reestruturação produtiva pelo qual passam as economias mundiais baseia-se na flexibilização dos processos de trabalho, do mercado de trabalho, dos produtos e dos padrões de consumo. No âmbito do processo de trabalho, observa-se que a flexibilidade se concretizou pela introdução de novas tecnologias - como a microeletrônica e a informática - que permitiu a programação de máquinas e equipamentos para a obtenção de uma produção diversificada e não mais inteiramente padronizada.

Neste contexto, outra tendência notada com o emprego de novas tecnologias foi à redução do porte das empresas (desintegração vertical), que se tornaram mais especializada com o intuito de conseguirem maior competitividade e produtividade. Dessa forma, as economias de escala, baseadas no modo de produção fordista, foram sendo substituídas por economias de escopo. Por outro lado, observou-se a ampliação da subcontratação, na forma de terceirização, como alternativa para a redução de custos (KON, 1999; HARVEY, 1998).

Além da necessidade de se atender a um público que demandava produtos diferenciados, em pequenas quantidades, o acirramento da competição por novos mercados fez as empresas adotarem novos métodos de organização do trabalho. Dentre as inovações no interior da firma pode-se mencionar o plano de metas, o just-in-time, o kanban e os programas de qualidade total. Segundo DRUCK (1999:40), enquanto o just-in-time significa produzir no momento certo a quantidade demandada exata, com o mínimo de recursos possíveis, o kanban, por sua vez, é um sistema de informações dos vários estágios de produção e estoque, que permite as empresas trabalharem com estoque zero.

As relações de produção são fundamentais para a sociedade, pois mostram as formas como se desenvolvem o trabalho entre os homens e a maneira como os homens utilizam as técnicas e se organizam para produzir. Segundo SOARES (2000), no último século o capitalismo sofreu duas grandes crises. A primeira ocorreu na década de 30 e teve a queda da bolsa de valores de Nova York como marco histórico. A segunda ocorreu nos anos 70, trazendo consigo uma série de mudanças nas relações de produção:

“Quarenta anos depois da primeira grande crise do capitalismo no século XX, os países industrializados experimentam uma segunda crise, que se prolonga pela década de 80, cujas conseqüências em termos de desequilíbrios macroeconômicos, financeiros e de produtividade se espalham pela economia internacional. [...] O caráter produtivo da crise é atribuído às mudanças no paradigma tecnológico, que passam a ser chamadas de Terceira Revolução Industrial” (SOARES, 2000: 11).

Excluído: 1

Os países capitalistas hegemônicos começaram a se mobilizar através de uma série de reformas com o objetivo de superar a crise. Adotaram como modelo as idéias da economia política neoliberal e do modelo Toyotista (japonês) de produção que se constituíram gradativamente como as novas relações de produção predominantes, substituindo as antigas relações atreladas pela economia política Keynesiana e pelo modelo Fordista/Taylorista de produção.

“É nesse contexto que surgem os japoneses demonstrando que com estruturas muito mais flexíveis e descentralizadas, a competitividade é maior. [...] O que temos assistido é, na realidade, a adaptação do modelo japonês pelas multinacionais americanas, européias, asiáticas, e, inclusive, as empresas brasileiras. Todas essas estórias de reengenharia, qualidade total, fazem parte deste quadro. É aí que se dá esse processo que agente chama de precarização das relações de trabalho” (SINGER: 83).

As conquistas dos novos mercados e o aumento da exploração dos antigos se realizaram de diferentes maneiras. Porém, a característica fundamental foi a abertura comercial. Medidas essas que favorecem principalmente aos interesses da burguesia dos países centrais do capitalismo e prejudicam principalmente os trabalhadores dos países periféricos, aumentando ainda mais as péssimas condições de sobrevivência destes.

2.4. O PROCESSO DA TRANSFORMAÇÃO PRODUTIVA NA ECONOMIA BRASILEIRA

Excluído: 2.3

O processo de reestruturação produtiva pelo qual passa o Brasil nos dias atuais surge de maneira mais visível a partir do começo dos anos 90. Sua análise e compreensão exigem que seja considerado o conjunto de políticas das empresas que se inicia desde o final dos anos 70, quando entra em crise o modelo de

substituição de importações sob o qual se estruturara a fase anterior de desenvolvimento econômico.

O processo inicia-se impulsionado ao mesmo tempo pelos novos padrões de competitividade internacional e por um conjunto de mudanças econômicas, políticas e sociais que ocorrem conjuntamente. Dentre elas, vale destacar a recessão sobre a economia brasileira, o processo de democratização política e a crise do padrão de relações industriais vigentes durante o período do “milagre” econômico.

A década de 1970 significou para o país um período de grande expansão industrial, marcado não só por um significativo crescimento da produção e do emprego industrial, como pelo desenvolvimento de uma estrutura industrial integrada que se apoiou no processo de industrialização pesada que começara a partir da Segunda Guerra Mundial. A crise econômica dos anos 70 nos países desenvolvidos levou as empresas a intensificarem a busca de novas formas de aumento da produtividade, de novos produtos e de novos mercados.

Vários estudos já se referiram à crise desse padrão de uso do trabalho em meados dos anos 80 (LEITE, 1994). Não só a crise econômica que ocorreu no começo da década, mas também o ressurgimento do movimento operário e sindical no processo de abertura política que se inicia a partir de então, colocando em xeque seus pressupostos, numa conjuntura em que cada um desses fatores alimenta todos os outros, ao mesmo tempo em que é alimentado pelos demais. No que se refere à crise econômica, as pressões para o aumento das exportações, provocadas seja pela retração do mercado interno, seja pela necessidade de incremento do superávit da balança comercial para o pagamento da dívida externa, modificaram sensivelmente os patamares de competitividade das empresas. Esse fato foi responsável simultaneamente pela busca de inovações tecnológicas que visavam aumentar a eficiência e pela substituição de políticas repressivas de gestão do trabalho por formas menos conflituosas que permitissem às empresas contar com a colaboração dos trabalhadores na busca de qualidade e produtividade.

Segundo LEITE (1996, p.574), a reestruturação brasileira pode ser sintetizada em períodos assim dispostos:

O primeiro pode ser identificado entre o final dos anos 70 e o início dos anos 80, quando as propostas inovadoras se concentram na adoção dos CCQ's (Círculo do Controle de Qualidade), sem que as empresas se preocupem em alterar

Excluído: -

de modo significativo as formas de organização do trabalho ou investir mais efetivamente em novos equipamentos.

O segundo momento que se inicia em 1984/85, a partir da retomada do crescimento econômico (que sucede a primeira recessão dos primeiros anos da década) e vai até o final dos anos 80, caracteriza-se por uma rápida difusão de novos equipamentos. Embora nessa fase as empresas também iniciassem a busca de novas formas de organização do trabalho.

O terceiro período se inicia com os anos 90, a partir de quando vem se detectando uma nova fase em que as empresas estão concentrando seus esforços nas estratégias organizacionais, bem como na adoção de novas formas de gestão da mão-de-obra, mais compatíveis com as necessidades de flexibilização do trabalho e com o envolvimento dos trabalhadores, com qualidade e a produtividade. Convém destacar que o caráter amplo da modernização adquire características de uma verdadeira reestruturação produtiva. Quando as empresas sustentam que, ao contrário dos momentos anteriores, em que inovar significava, para muitas empresas, comprar equipamentos ou introduzir programas organizacionais ou de motivação, que eram implantados em setores da empresa por iniciativa de algum departamento, com resultados heterogêneos. No início dos anos 90 encontra-se um conjunto cada vez maior de empresas em processo de profunda reestruturação a partir de uma decisão de direção, introduzindo um conjunto de inovações articuladas entre si, mais integrados e tendo como base a introdução de algum tipo de programa de Qualidade Total.

Segue um quadro síntese com as principais transformações econômicas que impactaram o mercado de trabalho nos anos 90:

- Mudanças nas formas organizacionais, como novas formas de gestão da mão-de-obra, a terceirização e intensificação do processo de subcontratação; isso faz com que a indústria de transformação diminua a sua participação no mercado de trabalho formal e aumente o número de trabalhadores no setor de serviços.

- Mudanças originadas pela globalização: aceleração e padronização dos meios técnicos e dos processos produtivos; instantaneidade da informação, das inovações e da comunicação; mundialização crescente da economia; maior especialização e nova divisão do trabalho, participação mínima do Estado, criação e fortalecimento de blocos econômicos; internacionalização da produção e das finanças.

- Introdução do modelo de produção chamado de toytismo entre os anos de 85 e início dos anos 90; esse modo de produção privilegia a produtividade ancorada na flexibilidade, reduzindo custos e melhorando a qualidade dos produtos.

- Transformações ocorridas nas relações associadas à introdução de novos processos tecnológicos: ao aumentar a fragmentação no interior da classe trabalhadora, enfraqueceram o poder dos sindicatos, o que, por sua vez, deu mais liberdade às empresas para regular as condições de uso e remuneração da força de trabalho (ANTUNES, 1995).

CAPÍTULO 3 - O MERCADO DE TRABALHO NO BRASIL E A GLOBALIZAÇÃO ECONÔMICA

3.1. Conceitos de Mercado de Trabalho Formal, População, Emprego e Desemprego:

Mercado de Trabalho Formal:

Contempla as relações contratuais de trabalho que estão sujeitas a força do mercado e que são regidas por legislação específica. (CHARAD, 2003). Pode-se dizer também, de uma maneira simplista, que Mercado de Trabalho é o lugar onde o trabalhador vende sua mão-de-obra e os proprietários (empresários) as compram.

Os diversos conceitos sobre população e emprego são descritos por diversos autores e institutos de pesquisa, conforme segue:

- a) População economicamente ativa (PEA):** Entende-se por população economicamente ativa a parcela da População em Idade Ativa (PIA) que está ocupada ou desempregada (DIEESE, 2004).

- b) População em Idade Ativa (PIA):** Incorpora as crianças de 10 a 14 anos (sendo ilegal o uso de sua força de trabalho pela Legislação Brasileira) que devido à realidade social do país, encontram-se disponíveis ao mercado de trabalho. A maior parte da população em idade de trabalhar é autônoma (legais ou ilegais) (DIEESE, 2004).

- c) Desempregado:** Segundo a Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED) desempregado é a pessoa que está numa situação involuntária de não-trabalho por falta de oferta de vagas de emprego ou que trabalham irregularmente e desejam mudança (DIEESE, PED, 2004).

- d) **Taxa de desemprego:** Indica a proporção da PEA que se encontra em desemprego (total). Medida em porcentagem. (DIEESE, PED, 2004).
- e) **Taxa de participação:** É a proporção na PIA incorporada ao mercado de trabalho como desempregada ou ocupada. (DIEESE, PED, 2004)
- f) **Rendimentos do trabalho:** Rendimento bruto (sem descontos) o qual é recebido pelo ocupado, referente ao trabalho no mês anterior (DIEESE, PED, 2004).
- g) **Desemprego e Subemprego:** São termos recentes dos fins do século XIX. Desemprego é análogo ao superpovoamento, é a medida da parcela da força de trabalho disponível que se encontra sem emprego. Subemprego não pode ser delimitado por ter muitas variantes (desemprego disfarçado, oculto ou invisível, potencial ou latente). O desemprego e subemprego são característicos de países em desenvolvimento. A partir do declínio das indústrias de carvão e aço (indústrias secundárias), ocorreu nos países industrializados o desemprego por um longo período, alcançando taxas históricas. (HOFFMANN, 1980 p. 58-61), (AURUCH, M., BURLAMAQUE, H., et al, 1984, p. 31).
- h) **Não-emprego:** Keynes limita a análise ao desemprego involuntário, ou seja, mão-de-obra não qualificada, ligado aos períodos onde há declínio de demanda agregada, nos países desenvolvidos (capitalistas) de caráter cíclico. Este conceito aplica-se também ao trabalho assalariado. ROSEN e EATWELL, citados por HOFFMANN (1980, p. 59) enumeram o não-emprego de acordo com número de trabalhadores que tem sua capacidade produtiva e não encontram emprego, associado a Marx (exército industrial de reserva), que é mais uma deficiência de equipamentos do que de demanda (simplificação).

Segundo MARX, citado por HOFFMANN (1980, p. 60), o não-emprego é a repulsão dos trabalhadores já empregados. Inclui os semi-empregados, excedentes da população latente da agricultura, pequenos artesãos (autônomos), vagabundos, pedintes e criminosos (subemprego). No Brasil os

conceitos de desemprego (mesmo o estrutural ou o não-emprego) não explicam o fenômeno que ocorre no país.

Para se compreender o desemprego e suas variações, é necessário ter uma visão geral do seu contexto histórico e conhecer o meio que se visa abordar. Segundo obra publicada por AURUCH, M., BURLAMAQUE, H., et al, considera-se mercado de trabalho apenas as atividades monetarizadas e legais (subentende-se que as atividades ilegais e o extra-mercado são atividades não produtivas). (AURUCH, M., BURLAMAQUE, H., et al, 1984, p. 27).

Dentro dos conceitos de mercado, destacam-se os mais abrangentes: Mercado Formal (no qual se encaixa o conceito emprego) e Mercado Informal (subemprego). (HOFFMANN, 1980 p. 61).

Tipos de Desemprego:

- a) **Desemprego estrutural** (característico dos países em desenvolvimento): Explica-se pelo excesso ou dificuldade de localização de mão-de-obra empregada em atividades que requerem boa qualificação e pela insuficiência dos equipamentos de base. Segundo STWEART e STREETEN, citados por HOFFMAN (1980, p. 59), o mesmo difere-se do desemprego keynesiano (não-emprego) por ser mais de caráter crônico do que cíclico.

- b) **Desemprego tecnológico** (atinge sobretudo os países mais adiantados): Resulta da substituição do homem pela máquina e é representado pela maior procura de mão-de-obra especializada, em substituição de mão-de-obra braçal. Falta adaptação de mão-de-obra para imediata conversão a novas especializações e nova tecnologia. (HOFFMAN, 1980 p. 59)

3.2. A GLOBALIZAÇÃO E O AUMENTO DE DESEMPREGO

O capitalismo contemporâneo vem produzindo profundas mudanças no mercado de trabalho nas últimas décadas, que se explicitam principalmente pela

globalização, pela crescente precarização das relações de trabalho e pelas taxas elevadas de desemprego, pelo deslocamento geográfico de organismos produtivos e absorvedores de mão-de-obra e pela eliminação de postos de trabalhos na indústria.

Mercado de trabalho é aquele que oferece a possibilidade de troca de produção por emprego e rendimentos para auto-sustento. Existe o mercado de trabalho formal (emprego) e o informal (subemprego).

No que se refere ao mercado de trabalho, o principal debate sobre os malefícios da globalização, frente a seus benefícios, está ocorrendo nos países mais industrializados, que perdem postos de trabalho para os países emergentes.

Globalização segundo CAMPOS (1998, p. 8), é “a intensificação das relações econômicas internacionais como resultado da maior liberalização das economias, da expansão dos mercados, em especial dos movimentos de capitais e da relativa redução das dimensões e da intervenção do Estado”.

Para MATTOS DE PAIVA (1998, p. 1), globalização traduz a integração dos países em blocos econômicos, a exemplo da União Européia e do Mercosul. No fundo, o que se vislumbra através desse associativismo econômico é a especialização, a produção industrial em grande escala, o aumento da produtividade, a redução de custos, o aproveitamento de vantagens comparativas, enfim, a racionalização produtiva com a finalidade de maximizar os lucros.

Outro fator bastante discutido como gerador do desemprego está na legislação trabalhista do Brasil. O fato de a legislação ser muito rígida acaba influenciando no aumento do desemprego, visto que não representa estímulo para que as empresas possam contratar esta mão-de-obra mesmo que apenas por um determinado período.

O trabalho temporário, por tempo determinado e de meio período, está aumentando sua importância no índice total de crescimento dos empregos. Esses tipos de trabalho envolvem tipicamente salários mais baixos, alguns benefícios a menos e menor segurança que o emprego mais tradicional. Isso, por sua vez, está levando a uma polarização da força de trabalho: trabalhadores de tempo integral comparativamente produzem mais resultados, enquanto trabalhadores com menos segurança produzem comparativamente menos (Singer, 1995).

Segundo LIMA NETO (1998, p.6), “tornar flexível a legislação trabalhista, eis a solução”, é o que pregam os novos liberais diante da globalização da economia, ou seja, a intensificação das relações econômicas internacionais como resultado da

maior liberalização das economias, da expansão dos mercados, em especial dos movimentos de capitais e da relativa redução das dimensões e da intervenção do Estado, sob a pena de comprometer o ritmo de crescimento econômico do país.

Outra questão importante com relação ao desemprego é a qualificação da mão-de-obra no mercado brasileiro. Para DEDECCA (1998, p. 873), a questão da qualificação da força de trabalho tem ganhado realce no desenho das políticas públicas, bem como, tem sido objeto de programas específicos como o FAT – Fundo de Amparo ao Trabalhador. E isto sem dúvida é muito importante, já que o problema do desemprego está associado aos problemas de qualificação da força de trabalho, imputando a esse perfil desfavorável a precariedade do mercado de trabalho nacional.

3.3. A FLEXIBILIZAÇÃO DAS RELAÇÕES DE TRABALHO NO BRASIL

No Brasil esta evolução do mercado de trabalho após a abertura econômica sugere um quadro preocupante para o futuro, com mudança na estrutura da demanda por qualificação da mão-de-obra, inadequação da demanda à oferta de qualificação e aumento da taxa de desemprego de longo prazo.

A abertura comercial induziu um processo de ajuste estrutural no setor industrial brasileiro, afetando o nível geral de oferta de empregos e ocasionando uma extrema flexibilidade do mercado de trabalho brasileiro. A redução do poder sindical dos trabalhadores, enfraquecendo as reivindicações salariais, a precarização das relações de trabalho, a redução de leis e direitos trabalhistas e alta taxa de rotatividade de mão-de-obra são as principais mudanças observadas no mercado de trabalho.

Excluído: ¶

Entende-se por precarização das relações de trabalho, a substituição de relações formalizadas de emprego que expressam-se em registro na carteira de trabalho, por relações informais de compra e venda de serviços, que vêm se constituindo principalmente pelas formas de contratação por tempo limitado, de assalariamento sem registro, de trabalho a domicílio e outras (Singer, 1995).

As indústrias e empresas em geral têm optado por terceirizar seus funcionários para manter sua alta produtividade a baixo custo, fazendo surgir trabalhadores autônomos, o que acarreta em precarização do trabalho e contribui

para o crescimento do grau de informalidade do mercado de trabalho. (POCHMANN, 2001, p. 57-58).

Verificamos um “desemprego moderno”, um fenômeno global, como aponta FILHO (1997, p.39), que atinge economias desenvolvidas e em desenvolvimento, de formas e destinos de acordo com o papel que estão habilitadas a desempenhar na nova divisão internacional do trabalho e proporcionalmente ao grau de rigidez do mercado de trabalho.

Excluído: ¶

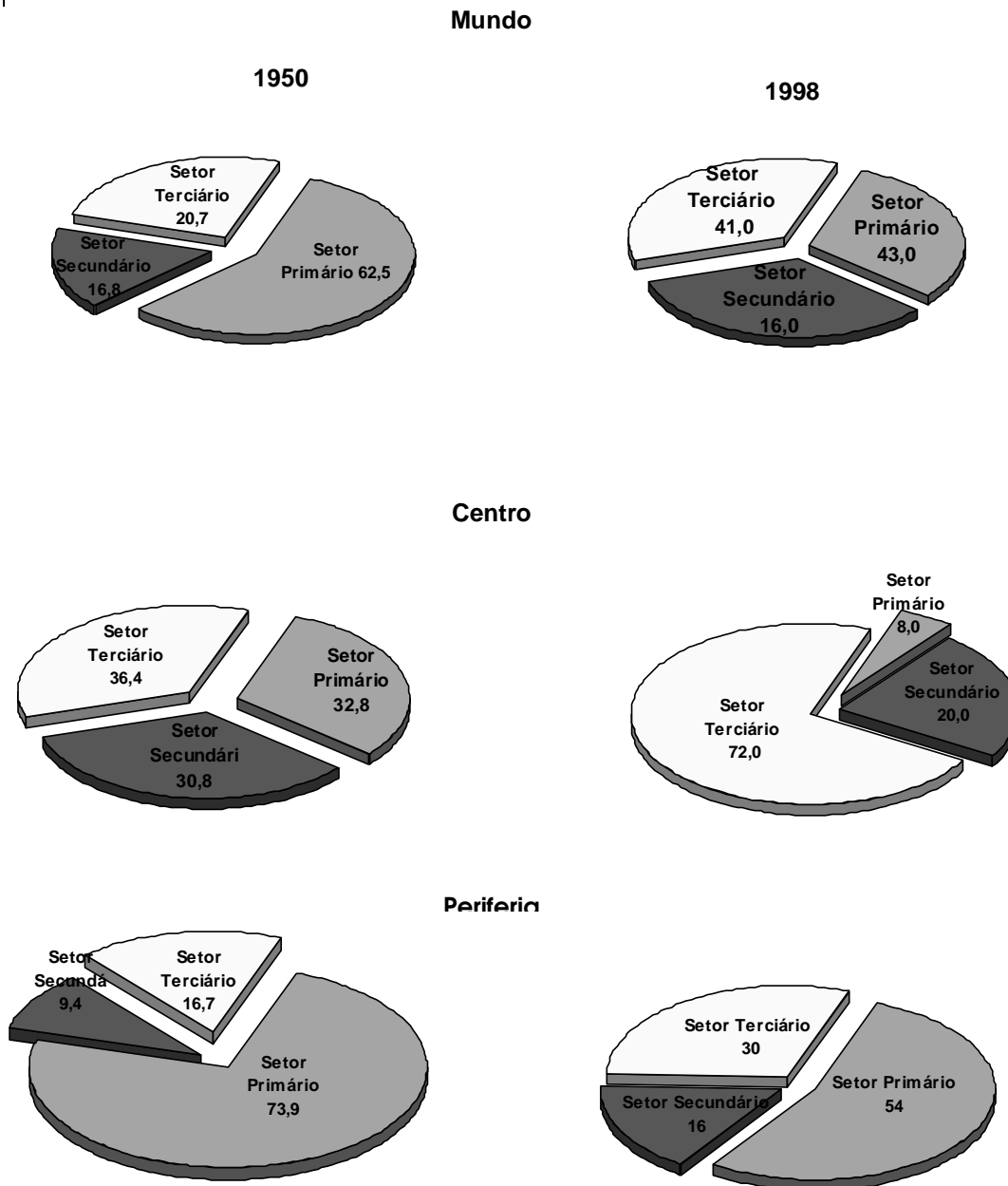
A flexibilização do trabalho é exigência tanto dos neoliberais, evidenciada principalmente na diminuição dos direitos trabalhistas, no aumento do número de trabalhadores estagiários e no aumento dos chamados “contratos flexíveis”; quanto do modelo toyotista de produção, que procura organizar o trabalho de maneira que uma linha produtiva seja capaz de produzir diferentes produtos e não apenas um único produto como no fordismo, deixando a estrutura dos processos de produção e os trabalhadores “flexíveis”. Assim, a exigência sobre a formação aumenta ainda mais porque um mesmo trabalhador necessita ter diferentes competências e tornar-se um trabalhador polivalente. Essa medida traz consigo o aumento do desemprego, pois ao se capacitar para diferentes competências, o trabalhador realiza diferentes funções e ocupa o lugar que poderia ser de outro trabalhador. Assim, ocorre também a intensificação da exploração do trabalhador, que além de executar operações diferenciadas deve ser capaz de solucionar de forma criativa os possíveis problemas que possam surgir e tudo isso sem o aumento nos salários.

3.4. EVOLUÇÃO DA ESTRUTURA OCUPACIONAL NO MUNDO E EM SANTA CATARINA

O gráfico 1 e 2 a seguir demonstram de forma sucinta como está ocorrendo a realocação dos setores produtivos e faz uma análise dos grandes setores produtivos: Setor primário, Setor Secundário e Setor Terciário.

Gráfico 1- Mundo: Evolução da Estrutura Ocupacional, 1950 e 1998 (em %).

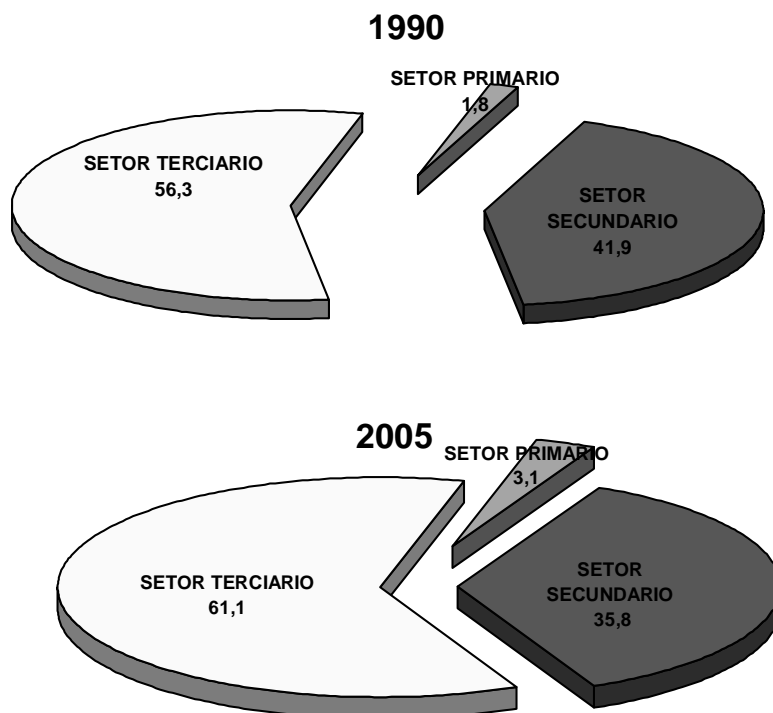
Excluído: ¶
3.3 EVOLUÇÃO DA TAXA DE
DESEMPREGO NO BRASIL
NOS ANOS 90¶
¶
¶



FONTE: OIT (vários anos) / POCHMANN, Marcio. O Emprego na globalização: a nova divisão internacional do trabalho e os caminhos que o Brasil escolheu. São Paulo: Boitempo, 2001.151 p.

O gráfico 1 acima relacionado demonstra como ocorreu o desenvolvimento da estruturação ocupacional no mundo, separado por critérios de periferia, centro e mundo. Conforme se pode observar, é clara a desmetropolização da indústria, o enfraquecimento do setor agrícola e a expansão do setor do comércio e serviços. Essa desmetropolização, somada ao crescimento do setor terciário, é razão para a busca por formas alternativas de sobrevivência, considerando uma restrição cada vez maior do mercado de trabalho formal.

Gráfico 2 – Santa Catarina: Evolução da Estrutura Ocupacional, 1990 e 2005 (em %).



FONTE: MTE – Relação Anual de Informações Sociais – RAIS – Lei 76.900/75

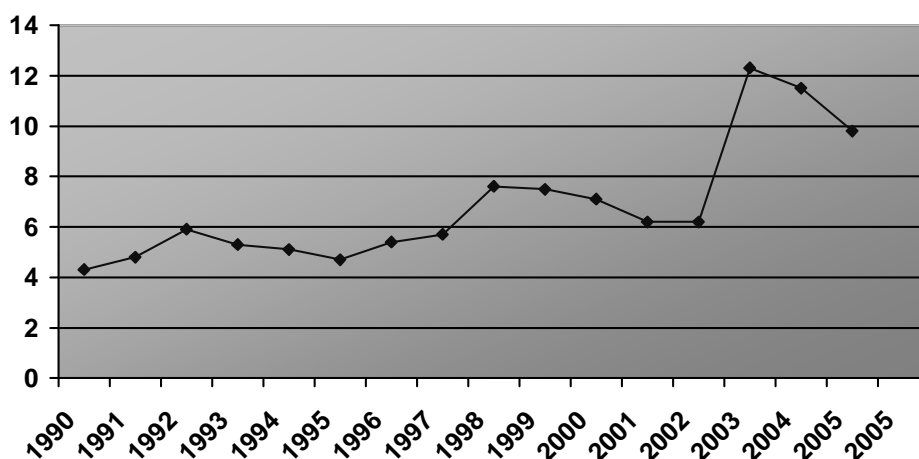
Elaboração: própria

Santa Catarina, na análise comparativa da evolução da estrutura ocupacional (Gráfico 2) com o resto do mundo (Gráfico 1), se assemelha mais aos

países centrais. Desde a década de 1990, o aumento da representatividade de ocupações terciárias se verifica tanto em ocupações ligadas à modernização, representadas por profissionais liberais e técnicos, quanto nas de serviços de menor produtividade (KON, 2004). Em contrapartida, a considerável diminuição nas ocupações industriais se deve não apenas ao progresso tecnológico, mas principalmente ao período de crise e estagnação econômicas, com diminuição de investimentos produtivos, que afetou a geração de postos de trabalho nessas ocupações. Santa Catarina, que é uma região pólo estruturada com o processo de industrialização, segundo KON (2004), teve a diminuição de postos de trabalho resultantes da modernização organizacional e tecnológica, porém sem mudança hierárquica na especialização do trabalho.

3.5. EVOLUÇÃO DA TAXA DE DESEMPREGO NO BRASIL NOS ANOS 90

Gráfico 3 – Brasil: Taxa anual de desemprego aberto nas regiões Metropolitanas



Fonte: PME/IBGE

Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Belo Horizonte, Recife, Salvador.

Com o processo de abertura comercial, aconteceu no início da década o aumento do desemprego aberto, se estabilizando em 1994. O Plano Real trouxe estabilidade de preços e reagiu com taxas altas de crescimento econômico,

ocasionando queda nas taxas de desemprego entre 1994 a 1995, respectivamente, (5,3% e 4,7%) (Gráfico 3).

A partir de então apresenta crescimento, causado tanto pelo ajuste produtivo na indústria, produto da continuidade da abertura comercial, exigindo maior competitividade das empresas; quanto pela própria manutenção da taxa de câmbio no início do Plano Real, que passou a debilitar a competitividade externa dos produtos brasileiros e as induziu a elevar a produção por meio de ganhos de produtividade, que também cresceu em decorrência do ajuste produtivo imposto pela globalização.

A elevação da taxa de juros doméstica e a instabilidade financeira internacional em meados de 1996, ocasionou uma diminuição do ritmo de crescimento econômico, contribuindo bastante para a contração da demanda por mão-de-obra. A estabilidade de preços foi alcançada, porém, o ritmo de crescimento econômico caiu, ocasionando a diminuição do nível de ocupação.

Demonstrou tendência de crescimento até 1997, com um maior crescimento em 1998 e 1999.

No final de 1998, devido a forte crise financeira internacional e a sobrevalorização da moeda, não houve muito fluxo de capitais externos, contribuindo para aumento do desemprego no País, a taxa de desemprego aberto chegou a 7,1% (Gráfico 3).

No início de 1999, com a desvalorização cambial, a economia reverteu o quadro do desemprego e a economia voltou a crescer. Finalmente, apresentou declínio em 2000 e a taxa de desemprego teve queda:

“A taxa de desemprego reverteu sua tendência de crescimento não só pelo crescimento, mesmo tímido, da demanda por trabalho, mas também pela retratação da oferta de trabalho, uma vez que houve um arrefecimento da taxa de crescimento da força de trabalho. O tempo médio de procura por trabalho, caracteriza o desemprego de longa duração, pois chega a ser elevado o tempo de procura devido o estreitamento das oportunidades de emprego no mercado”. (CHAHAD, J. P. Z.; PICHETTI, P., 2003, p. 30 e 33 a 35).

Devido às eleições e a possibilidade da mudança de governo para um partido esquerdista, os empresários mantiveram-se receosos, levando a uma estagnação econômica em 2003. O desemprego atingiu as menores taxas em 2004, assim como em 2005 (9,8%).

A taxa de desemprego total de 2005 recuou, esta melhora se reflete à recuperação econômica do país, que pôde ser observada, segundo dados do IPEA

Excluído: ¶

Excluído: ,

Excluído: ¶

Excluído: o que

Excluído: u

Excluído: detectar

Excluído: ¶

Excluído:

Excluído: ¶

Excluído: ”

(2006), com o aumento do PIB, e devido a sazonalidade do final de ano, pois o setor industrial antecipou as contratações para garantir sua produção e atender a demanda. A indústria brasileira não chegou a atingir o maior número de ocupados nas atividades econômicas desde o início do Plano Real, mas essa queda do emprego industrial não impediu o crescimento do setor e sua maior produtividade, mesmo considerando a queda na demanda da época.

Acerca do nível de ocupação, a publicação Mercado de Trabalho do IPEA em 2004, informa: “Em termos setoriais, os destaques positivos têm sido as atividades terciárias dos serviços, na comparação de junho deste ano com junho de 2003. Em segundo plano situam-se a indústria (2,9%) e outros serviços (2,7 esses resultados positivos que o nível de ocupação vem apresentando suscitam, de imediato duas questões. A primeira diz respeito à qualidade das ocupações (...) e a segunda refere-se à questão de se o atual momento favorável do mercado de trabalho tem condições de sustentabilidade.” (IPEA, 2006, p. 16)

De acordo com POCHMANN (1999), as políticas econômicas do governo brasileiro, priorizando o combate à estabilização monetária acabaram restringindo a geração de novos empregos no período. Nesse contexto, observa-se que não houve políticas de emprego ou uma política industrial para fomentar o setor na geração de empregos.

CAPÍTULO 4 – MERCADO E TRABALHO CATARINENSE NOS ANOS DE 1990

4.1. AS TRANSFORMAÇÕES DO MERCADO DE TRABALHO CATARINENSE FRENTE À REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA

A reestruturação produtiva introduziu inovações que alteraram significativamente os processos de produção, de gestão da força de trabalho e de organização nas empresas.

A automação tecnológica de determinadas etapas da produção industrial, aliada à alteração na demanda dos produtos, gerou um dos efeitos mais perversos da globalização, destacando a redução significativa do nível de emprego, fenômeno comum principalmente nas grandes indústrias.

Em busca de competitividade, outra estratégia adotada por um grande número de indústrias foi desverticalizar a produção, utilizando a terceirização de serviços considerados não essenciais ou intensivos em mão-de-obra, bem como, a subcontratação de serviços para reduzir custos e agilizar a produção, o que resultou na descentralização espacial e produtiva das empresas. Com a descentralização, outras áreas geográficas, muitas vezes sem tradição industrial, porém, com mão-de-obra abundante e barata, começaram a ser exploradas.

Ocorreu relativa renovação do parque de máquinas e a introdução de tecnologias de organização, como programas de qualidade total, just-in-time, sistemas de melhoria contínua, caixa de sugestões entre outros. Houve também a generalização do processo de terceirização, especialmente em trabalhos intensivos em mão-de-obra. Isso se relaciona diretamente com a busca, por parte das empresas, de redução de custos. O processo ocorre em cadeia: a empresa-mãe terceiriza, reduzindo parte de seu custo, e a terceira contrata, a exemplo do que ocorre na indústria têxtil, uma costureira por um salário ainda menor. Todo o circuito é predatório, tanto para o Estado, quanto para a organização sindical. Segundo o DIEESE (1996, p.65), o Estado deixa de arrecadar contribuições e impostos que eram recolhidos na empresa-mãe. A representação sindical, por sua vez, perde o contato com o trabalhador no momento em que este é demitido e recontratado sem registro em carteira pela empresa terceira. Além dos efeitos prejudiciais da reestruturação sobre a qualidade dos empregos, há aqueles que influem fortemente

Excluído: ¶

¶
¶
¶
¶
¶
¶
¶
¶
¶

Excluído: IV

Excluído: ¶

.¶
-¶
¶
¶

Excluído:

Excluído: ,

sobre a quantidade dos empregos existentes nos setores produtivos. Segundo, através de vários mecanismos, a reestruturação produtiva diminuiu o número de empregos na economia. Mas essas mudanças não se limitam àquelas decorrentes da reestruturação produtiva. Outros elementos, tão ou mais importantes, interagem, modificando profundamente a estrutura produtiva do setor da indústria e serviços catarinense como um todo. Elementos que alteram o processo de trabalho, como o padrão tecnológico e as relações de trabalho.

De acordo com MELLO (2000), os movimentos de reestruturação pulverizam-se assim amplamente, articulando transformações organizacionais, gerenciais e tecnológicas. Entretanto, esta pulverização provoca efeitos negativos comuns, como por exemplo: baixos salários, aumento do desemprego e da informalidade e aumento da carga horária de trabalho para grande parte dos trabalhadores.

Para GOTTDIENER (1990), a produção em pequenos lotes, a flexibilidade, as subcontratações, a automação da produção seriada, entre outras, representam mudanças decorrentes de processos de reestruturação com implicações sócio-espaciais. Informa também, que além de novas tecnologias, os grupos de trabalho organizados dentro das fábricas e a subcontratação de tarefas junto a outras fábricas também constituem alternativas para a reestruturação produtiva.

Excluído:

Excluído:

4.2 EMPREGOS FORMAIS EM SANTA CATARINA DE ACORDO COM OS SETORES ECONÔMICOS,

O desempenho da Atividade econômica em Santa Catarina obteve um resultado positivo em relação ao emprego formal. Segundo dado obtido da RAIS de 2005. Verifica-se um expressivo crescimento do emprego formal, com o aumento de 625.446 postos de trabalho, tornando evidente o crescimento do setor de serviços.

Excluído: ANÁLISES DO COMPORTAMENTO DO MERCADO DE TRABALHO¶

Excluído: ¶

Tabela 1 – Emprego Formal (%) nos Setores Econômicos em Santa Catarina de 1990 a 2005 (em mil unid.)

SETOR DE ATIVIDADE ECONÔMICA	1990	PARTIC. (%)	2005	PARTIC (%)	VARIAÇÃO (%) 2005/1990	Varição ABSOLUTA 2005/1995
Extrativa Mineral	7.544	0,9	6.773	0,5	-10,2	-771
Indústria de Transformação	314.910	36,6	493.294	33,2	56,6	178.384
Serviços Indústria de Utilidade Pública	15.151	1,8	14.435	1,0	-4,7	-716
Construção Civil	18.874	2,2	49.907	3,4	164,4	31.033
Comércio	108.612	12,6	283.871	19,1	161,4	175.259
Serviços	211.135	24,5	397.886	26,8	88,4	186.751
Administração Pública	133.821	15,5	196.292	13,2	46,7	62.471
Agropecuária, Extr. Vegetal, Caca e Pesca	14.790	1,7	44.511	3,0	201,0	29.721
Outros/Ignorado	36.678	4,3	0	0,0	-100,0	-36.678
Total	861.523	100,0	1.486.969	100,0	72,6	625.446

Excluído: ANÁLISES DO COMPORTAMENTO DO MERCADO DE TRABALHO ¶

FONTES: MTE – Relação Anual de Informações Sociais – RAIS – lei 76.900/75

Elaboração: própria

Na leitura dos dados segundo os níveis setoriais (tabela 1), observa-se que os setores de atividade econômica que mais contribuíram para a geração líquida de empregos formais foram os de Serviços (+186,7 mil empregos ou 88,4%), a Indústria de Transformação (+178,4 mil empregos ou 56,6%) e o Comércio (+ 175,3 mil empregos ou +161,4%). Em termos de crescimento relativo, os melhores desempenhos ficaram por conta da construção civil e o Comércio cuja expansão foi, respectivamente, 164,4% e 161,4 (ou 31,0 e 175,3 mil empregos). Agropecuária Extrativa Vegetal aparece no período analisado com o maior crescimento relativo, mas com uma baixa participação no total dos setores analisados, sendo de 1,7%, em 1990, e 3% em 2005. Com isso, obteve um aumento de 29,7 mil em termos de geração de empregos formais. O setor de serviços, que obteve o melhor resultado em termos absolutos, gerou seis vezes mais empregos formais que o Setor Agropecuário Extrativo Vegetal.

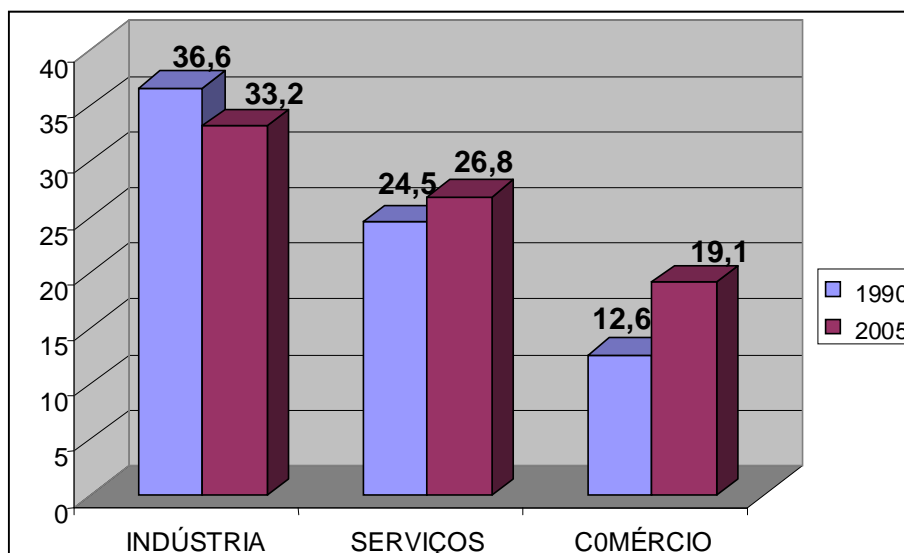
Os setores com pior desempenho foram os de Extrativismo Mineral, com crescimento negativo de -10,2% (ou -771,0 mil empregos) e o setor de Serviços Indústria de Utilidade Pública que também apresentou uma variação negativa de -4,7% (equivalente à desativação de 716 postos de trabalho).

O emprego Industrial com o decorrer da década teve aumento, contudo não foi o setor econômico que mais gerou empregos formais. Esse indicador

demonstra que devido às mudanças estruturais ocorridas surge uma redistribuição da PEA ocupada de Santa Catarina no final dos anos 90.

O setor de Serviços é o que mais se evidencia em termos absolutos, mas na comparação relativa à Construção Civil e o Comércio é o que conseguiu o melhor resultado.

Gráfico 4 – Emprego Formal Segundo Participação em (%) dos Setores de Atividade Econômica no Setor de Serviços em Santa Catarina de 1990 até 2005 (em mil unid.)



Excluído: ANÁLISES DO COMPORTAMENTO DO MERCADO DE TRABALHO

FONTE: MTE – Relação Anual de Informações Sociais – RAIS – lei 76.900/75

Elaboração: própria

O gráfico 4 expressa uma tendência: a expansão cada vez maior do número de trabalhadores formais no de Serviços e Comércio e a diminuição relativa do Setor da Indústria.

Fica evidente também, de acordo com os dados da RAIS demonstrado na tabela 1, que o Setor de Atividade Econômica que mais criou vínculo de trabalho em termos absolutos foi o Setor de Serviços com a geração de 186.7 mil novos empregos. Como dito por Alves (1997, p.16), o setor de serviços está conseguindo criar uma quantidade de vagas que está compensando em parte a destruição dos vínculos ocorridos nos demais setores produtivos; apesar de, em muitos casos, isso acarretar em prejuízo da qualidade do emprego.

CAPÍTULO 5 - ANÁLISE DO COMPORTAMENTO DO MERCADO DE TRABALHO FORMAL NO SETOR DE SERVIÇOS EM SANTA CATARINA (1990-2005)

5.1. UMA BREVE DEFINIÇÃO SOBRE O SETOR SERVIÇOS

Segundo o IPEA (2006), a conceituação de serviços não é simples, devido às dificuldades inerentes à mensuração de seu produto e de sua produtividade. Soma-se, aos pontos anteriores, o fato dos serviços incluírem atividades múltiplas e não homogêneas, configurando, um setor marcado pela heterogeneidade. Nesse sentido, serviço equivale à antiga nomenclatura Terciário, ou seja, a tradicional classificação das atividades econômicas em primárias (agropecuária), secundárias (indústria) e terciárias (caracterizado por segmentos como comércio, transporte e serviços).

A definição de serviços é, desde logo, problemática, mesmo porque incorporam uma grande variedade de atividades. Uma definição que diferencia os bens derivados da produção industrial e agrícola dos serviços é o fato dos últimos serem consumidos tal como produzidos e resultantes de um processo em que a produção e consumo são coincidentes no tempo e espaço, (IPEA apud economic council of Canadá 991).

Diante desse cenário, as atividades do setor de serviços se apresentam tão díspares como os serviços produtivos (atividade intermediária realizada pelas empresas durante o processo produtivo, como os serviços financeiros, jurídicos, de informática, engenharia, e propaganda e publicidade); os serviços distributivos (atividades efetuadas pelas empresas após o término do processo produtivo, como transporte, comércio, armazenagem e comunicação); os serviços sociais (atividades realizadas para a sociedade, entre as quais a administração pública, saúde e educação); e os serviços pessoais (atividades realizadas para atender à demanda individual, como hotelaria, lazer, reparação, vigilância e limpeza) (IPEA 2006).

Nesse contexto, as dificuldades de mensuração do produto dos serviços são conhecidas e revelam-se na precariedade da base estatística que confere cobertura ao setor de serviços. Segundo KON, (2004) a visão mais aceita na atualidade é de que as atividades terciárias se desenvolvem para atender a funções intermediárias complementares dos demais setores, se ampliam em razão de ali se

alocarem mão-de-obra excedente e o capital, que não encontram oportunidades em outros setores. Essas atividades vão procurar seu próprio mercado, assim concorrem a diversidade da natureza dos serviços oferecidos, os quais se situam em uma gama que se estende do processo de produção mais moderno e capital intensivo ao processo mais tradicional, cujo único fator de produção empregado é o trabalho de baixa qualificação.

O termo terciário foi introduzido por FISHER apud KON (2004) em 1935 ao mesmo tempo da definição dos termos primário e secundário então usado na Austrália e Nova Zelândia para fazer referência aos setores agropecuário e manufatureiro, respectivamente.

O setor de serviços tornou-se de grande importância no emprego e nas transações econômicas, seja como atividade principal, seja como atividade secundária de apoio à produção manufatureira e agrícola conforme a evolução da estrutura ocupacional demonstrada nos gráficos 1 e 2.

5.2. EMPREGO FORMAL SEGUNDO OS SUBSETORES DE ATIVIDADES ECONÔMICAS NO SETOR DE SERVIÇOS EM SANTA CATARINA (1990-2005)

Tabela 2 - Subsetores em (%) por Atividades Econômicas do Emprego no Setor de Serviços em Santa Catarina de 1990 a 2005 (em mil unid.)

SUBSETORES ATIVIDADE ECONOMICA	1990	Part. %	2005	Part. %	Part. %	VARIÇÃO ABSOLUTA 2005/1990
	TOTAL	1990	TOTAL	2005	2005/1990	
INST FINANC	25.340	12,00	19.937	5,01	-21,32	-5.403
COM.ADM TEC PROF	57.780	27,37	119.480	30,03	106,78	61.700
TRAN E COMUN	30.945	14,66	67.617	16,99	118,51	36.672
ALOJ ALIM	76.534	36,25	118.335	29,74	54,62	41.801
MED ODON	16.842	7,98	31.626	7,95	87,78	14.784
ENSINO	3.694	1,75	40.891	10,28	1006,96	37.197
Total	211.135	100,00	397.886	100	1353,32	186.751

Excluído: ANÁLISES DO
COMPORTAMENTO DO
MERCADO DE TRABALHO
¶

FONTE: MTE – Relação Anual de Informações Sociais – RAIS – lei 76.900/75

Elaboração: própria

Em relação ao nível de emprego formal no setor de Serviços, dos seis subsetores analisados (tabela 2), apenas o ramo das instituições financeiras acusou redução no contingente de trabalhadores com carteira assinada. A diminuição de

emprego nas instituições financeiras deve-se ao ajustamento das instituições aos diversos planos de estabilização econômica, pelo qual a automação aliada à racionalização e mudanças organizacionais têm provocado uma enorme redução no contingente de mão-de-obra. Desde 1990, de acordo com a Tabela 8 foram extintos 5.403 empregos puxados pelas instituições em Santa Catarina.

Quanto à movimentação dos demais subsetores, todos acusaram expansão no contingente de trabalhadores com carteira assinada. Os subsetores que obtiveram maior desempenho foram o Comércio, Administração, Imóveis e Serviços Técnicos Profissionais, com a criação de 61.700 mil postos de trabalho, seguido do serviço de Alojamento, Alimentação, Reparação e Manutenção, com 41.801 mil vagas.

*Foram adotados os seguintes sub-setores do Setor de serviços segundo a classificação do MTE(RAIS):

Instituições Financeiras;

Comércio, Imóveis e Serviços Técnicos Profissionais;

Transporte e Comunicações;

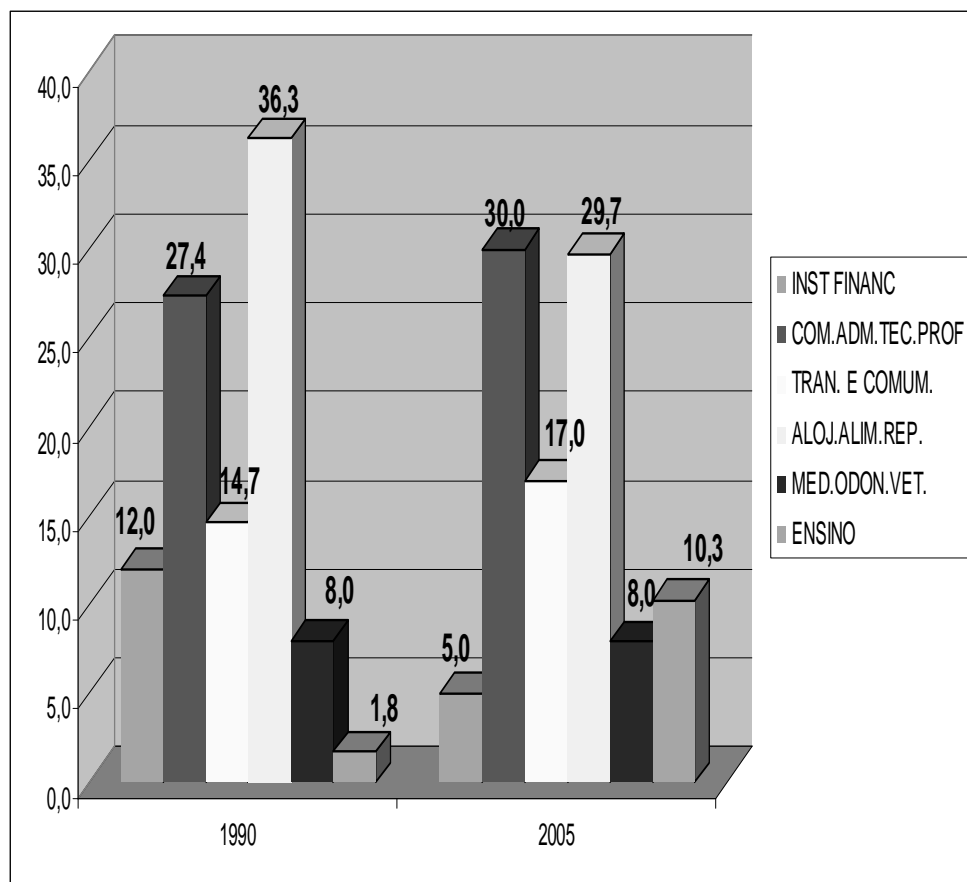
Serviços de Alojamento, Alimentação, Reparos e Manutenção;

Serviços Médicos e Odontológicos;

Ensino.

Gráfico 5 - Participação em (%) do Emprego nos Subsetores de Atividades Econômicas no Setor de Serviços em Santa Catarina -1990 a 2005.

Excluído: ANÁLISES DO
COMPORTAMENTO DO
MERCADO DE TRABALHO
¶



FONTE: MTE – Relação Anual de Informações Sociais – RAIS – lei 76.900/75

Elaboração: própria

A análise do subsector revela que a maior concentração dos ocupados encontra-se, como já observado, no ramo de comércio, imóveis e serviços técnicos profissionais com 30,0% em 2005 (Gráfico 5), seguido pelos ramos de alojamento e alimentação (29,7%). Em relação ao comércio, uma das características é constituir-se de uma grande quantidade de comerciantes autônomos, micros e pequenas empresas que crescem e morrem em grandes proporções, mas não param de crescer, mesmo nas fases mais críticas da economia. O comércio tem sido como um elevado número de segmentos do setor de serviços, um dos refúgios da enorme

massa de trabalhadores desempregados, dos que não conseguem entrar como assalariados no mercado de trabalho e por aqueles que procuram concretizar os seus sonhos de ser pequenos capitalistas. Uma grande quantidade de novos empreendimentos chega ao mercado a cada ano, introduzindo-se em segmentos de vendas de produtos tradicionais e modernos. Seja por autônomos que fazem seu ponto na esquina ou ao longo de uma rua, seja por membros de uma família ou outros pequenos empreendedores que instalam seu negocio em camelódromos, em um compartimento de sua casa, ou em conjuntos de lojas de fábrica, centros comerciais e ate mesmo nos shopping-centers (DIEESE, 1996).

Por sua vez, embora pese pouco em relação aos demais subsetores, o ramo das atividades de ensino foi a que mais cresceu no período de 1990 a 2005 em termos de participação relativa passando de 1,8% para 10,3%. O que indica certa “modernização” das atividades que compõem os subsetores do setor de serviços, uma vez que esses setores vêm demandando um perfil de ocupados com melhores níveis de escolaridade e de formação técnico-especializada, como, por exemplo, os profissionais educadores que estão empregados em escolas e universidades particulares.

O único ramo que apresentou crescimento negativo foi o de instituições financeiras (evidenciado na tabela 2), relacionado em parte, à redução dos ocupados nas instituições como os bancos, que registrou queda absoluta no período analisado.

5.3. EMPREGO FORMAL SEGUNDO O DESMEMBRAMENTO DOS SUBSETORES: COMÉRCIO, ADMINISTRAÇÃO DE IMÓVEIS, TÉCNICO-PROFISSIONAIS; SERVIÇO DE MANUFATURA, REPARAÇÃO, ALOJAMENTO, ALIMENTAÇÃO E ENSINO. EM RELAÇÃO AS VARIÁVEIS DE GÊNERO, GRAU DE INSTRUÇÃO E FAIXA ETÁRIA NO SETOR DE SERVIÇOS EM SANTA CATARINA (1990-2005)

Tabela 3 - Gênero segundo (%) do Emprego nos subsetores do setor de Serviços-1990 a 2005 (em mil unid.)

GÊNERO	COM.ADM.TEC.PROF.		MANUT.REPAR.ALOJ.ALIM.		ENSINO	
	VAR.%	VAR.ABSOLUTA	VAR.%	VAR.ABSOLUTA	VAR.%	VAR.ABSOLUTA
	2005/1990	2005/1990	2005/1990	2005/1990	2005/1990	2005/1990
Masculino	-12,6	34.356	-23,27	7.699	82,3	16.128
Feminino	35,0	27.344	27,30	34.102	-24,3	21.069
Ignorado	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
TOTAL	22,5	61.700	4,03	41.801,0	58,0	37.197

Excluído: ANÁLISES DO COMPORTAMENTO DO MERCADO DE TRABALHO

FONTE: MTE – Relação Anual de Informações Sociais – RAIS – lei 76.900/75

Elaboração: própria

Em relação aos gêneros, na análise dos três subsetores do Setor de Serviços, o foco de atenção, no que tange à conquista de novas vagas de emprego, volta-se para as mulheres. Nos subsetores MANUT. REPAR. ALOJ. ALIM e ENSINO mais mulheres foram empregadas, respectivamente, 34.102 mil e 21.069 mil novos postos de trabalho. Porém, os homens sobressaem no que diz respeito as atividades de COM.ADM. TEC. PROF (34.356 mil novas ocupações). No ENSINO os homens cresceram relativamente mais (82,3%) de 1990 a 2005, mas as mulheres ainda são em maior número (21.069 vagas). (Tabela 3)

Tabela 4 – Grau de Instrução segundo (%) do Emprego nos subsetores do setor de Serviços-1990 a 2005 (em mil unid.)

GRAU E INSTRUÇÃO	ADM.TEC.PROF.		ALOJ.ALIM.		ENSINO	
	VAR.%	VAR.ABSOLUTA	VAR.%	VAR.ABSOLUTA	VAR.%	VAR.ABSOLUTA
	2005/1990	2005/1990	2005/1990	2005/1990	2005/1990	2005/1990
analfabeto	-74,4	-530	-75,43	-947	-95,9	-33
4ªser.incomp.	-78,0	-3.347	-38,55	-256	-71,1	189
4ªser.comp.	-62,3	-2.714	-61,63	-6.676	-75,2	435
8ªser.incomp.	-31,3	4.180	-31,32	853	-49,2	814
8ªser.comp.	40,4	15.905	24,25	13.250	-58,3	1.416
2ºgr.incomp.	1,4	5.735	49,22	7.264	-59,2	805
2ºgr.comp.	107,7	28.808	143,78	24.995	-47,6	5.749
sup.incomp.	94	6.749	49	2.519	-10	3.104
sup.comp.	54	7.260	-23	1.549	144	24.724
Ignorado	-100	-346	-100	-750	-100	-6
TOTAL	-48,6	61.700	-63,65	41.801,0	-422,4	37.197

Excluído: ANÁLISES DO
COMPORTAMENTO DO
MERCADO DE TRABALHO¶
¶

FONTE: MTE – Relação Anual de Informações Sociais – RAIS – Lei 76.900/75
Elaboração: própria

Quando se interpreta os dados da RAIS em relação ao Grau de Instrução fica evidente o aumento de trabalhadores com 2º grau completo no subsetor COM.ADM. TEC. PROF que cresceu 107% e aumentou em 28.808 mil postos de trabalho. Para o subsetor de atividades voltadas a MANUT. REPAR. ALOJ. ALIM ocorre o mesmo, o predomínio de trabalhadores com 2º grau completo (143,8% e 24.995 mil empregos). Em relação ao ENSINO a concentração volta-se para trabalhadores ocupados com Grau de Instrução Superior Completo. Estes obtiveram uma evolução acentuada no período analisado, com a participação relativa de 144% e o crescimento absoluto de 24.724 novas vagas. (Tabela 4)

Tabela 5 – Faixa Etária segundo (%) do Emprego nos subsetores do setor de Serviços-1990 a 2005 (em mil unid.)

FAIXA ETÁRIA	ADM.TEC.PROF.		ALOJ.ALIM.		ENSINO	
	VAR.%	VAR.ABSOLUTA	VAR.%	VAR.ABSOLUTA	VAR.%	VAR.ABSOLUTA
	2005/1990	2005/1990	2005/1990	2005/1990	2005/1990	2005/1990
ATÉ 17 ANO	-76,3	-2.161	-38,10	-174	-82,7	101
18 A 24	-15,5	12.622	4,64	10.073	-57,2	3.845
25 A 29	-5,0	10.991	-4,82	5.989	-17,9	6.420
30 A 39	6,8	17.814	-5,78	9.763	30,3	13.252
40 A 49	66,7	15.869	23,12	11.808	107,8	9.528
50 A 64	55,4	6.962	16,55	5.667	109,1	3.986
65 OU MAIS	22,2	301	-4,55	207	156,3	219
IGNORADO	-100	-698	-100	-1.532	-100	-154
TOTAL	-45,6	61.700	-108,82	41.801,0	145,8	37.197

Excluído: ANÁLISES DO
COMPORTAMENTO DO
MERCADO DE TRABALHO¶
¶

FONTE: MTE – Relação Anual de Informações Sociais – RAIS – Lei 76.900/75 - Elaboração: própria

De acordo com os dados da tabela dos subsetores em relação a Faixa Etária, verifica-se maior concentração de trabalhadores empregados nas idades de 40 a 49 anos em atividades de COM.ADM. TEC. PROF e MANUT. REPAR. ALOJ. ALIM, 66,7% e 23,12%, respectivamente. Ocupações com atividades de ENSINO também se concentram nas faixas com maior idade, que vão dos 40 aos 65 ou mais anos de idade. Para as faixas de idades de até 17 anos, em todos os subsetores ocorreu taxa de crescimento negativa. (Tabela 5)

5.4. EMPREGO FORMAL SEGUNDO O GRAU DE INSTRUÇÃO POR GÊNERO NO SETOR DE SERVIÇOS DE SANTA CATARINA (1990-2005)

Tabela 6 - Grau de Instrução por Gênero em (%) do Emprego no Setor de Serviços de Santa Catarina -1990 a 2005 (em mil unid.)

GRAU DE INSTRUÇÃO	1990			Part. (%)	2005			Part. (%)	Variação (%)	Variação (%)		VARIACÃO ABSOLUTA 2005/1990
	MASC.	FEM.	TOTAL		1990	MASC.	FEM.			TOTAL	2005	
Analfabeto	2.298	1.412	3.710	1,8	749	587	1.336	0,3	-64,0	-67,4	-58,4	-2.374
4ª série incompleta	10.169	4.185	14.354	6,8	6.280	3.371	9.651	2,4	-32,8	-38,2	-19,5	-4.703
4ª série completa	27.739	12.829	40.568	19,3	15.558	10.925	26.483	6,7	-34,7	-43,9	-14,8	-14.085
8ª série incompleta	22.880	10.653	33.533	16,0	25.140	16.000	41.140	10,3	22,7	9,9	50,2	7.607
8ª série completa	22.889	13.282	36.171	17,2	46.240	29.290	75.530	19,0	108,8	102,0	120,5	39.359
2º grau incompleto	11.103	7.441	18.544	8,8	20.759	14.235	34.994	8,8	88,7	87,0	91,3	16.450
2º grau completo	18.890	16.170	35.060	16,7	61.284	60.542	121.826	30,6	247,5	224,4	274,4	86.766
Superior incompleto	5.631	3.804	9.435	4,5	11.023	13.425	24.448	6,1	159,1	95,8	252,9	15.013
Superior completo	11.030	7.495	18.525	8,8	29.693	32.785	62.478	15,7	237,3	169,2	337,4	43.953
Ignorado	807	428	1.235	0,6	-	-	-	-	-	-	-	-1235
TOTAL	133.436	77.699	211.135	100	216.726	181.160	397.886	100	732,60	538,7	1034,1	186.751

Excluído: ANÁLISES DO COMPORTAMENTO DO MERCADO DE TRABALHO ¶

FONTE: MTE – Relação Anual de Informações Sociais – RAIS – lei 76.900/75

Elaboração: própria

Quanto à escolaridade dos trabalhadores movimentados no setor de Serviços de Santa Catarina, nos últimos quinze anos, observa-se na Tabela 6 que o número de vagas canceladas foi mais intenso nos menores níveis de formação escolar. Foram eliminados 14.085 empregos para trabalhadores com até a 4ª série completa do ensino fundamental, se incluir os analfabetos diminui-se também 2,3 mil empregos, e 4,7 mil

vagas foram fechadas para trabalhadores que cursaram da 4ª série incompleta. Por outro lado, 39.359 postos de trabalho foram abertos para trabalhadores com a 8ª série completa, 86.766 para aqueles com o 2º grau completo e 43,9 mil para aqueles com o superior completo. As categorias de assalariados com 2º grau completo e superior completo apresentaram as maiores taxas de crescimento (247,5% e 237,3%). Assim a maior expansão em termos absolutos ocorreu para o 2º grau completo (86,8 mil postos de trabalho), atingindo a maior participação relativa de todos os empregos gerados no período analisado, totalizando 16,7% no ano de 1990 e 30,6% em 2005.

Os dados da RAIS no período analisado registram significativo declínio do número de empregos para níveis inferiores ao ensino fundamental completo. Essa queda é mais expressiva em mulheres analfabetas (-58,4%) e homens analfabetos e com a 4ª série completa (-67,4 % e -43,9%).

Embora nos últimos quinze anos venha ocorrendo sucessiva redução de trabalho para aqueles com poucos anos de estudo, esta ocorrendo uma expansão para os que possuem maiores níveis educacionais. A tabela 4 dos subsetores, explicada anteriormente, confirma que trabalhadores com 2º grau completo, inseridos em atividades dos serviços de alojamento, alimentação e reparação juntamente com os de comércio, administração de imóveis e serviços, foram os que mais cresceram no período analisado.

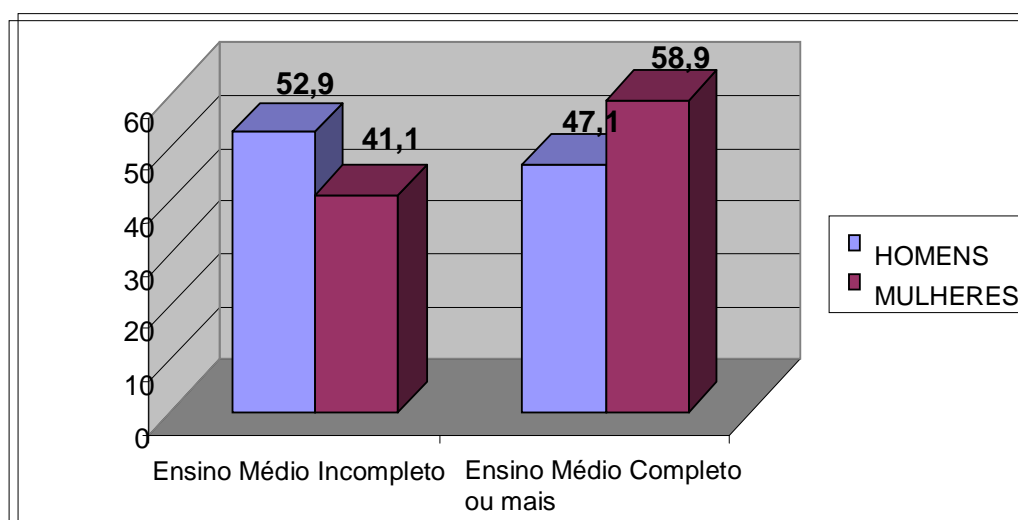
Em todos os setores de Serviços e em quase todas as ocupações, seja por expansão, seja por substituição ou ainda pelo enxugamento de pessoal, está havendo uma importante elevação do nível de escolaridade dos trabalhadores com carteira assinada. Em todos os ramos, porém, há ainda um percentual significativo, embora decrescente, dos que possuem menos que o 1º grau.

Embora cresça a escolaridade, ainda persiste a ocupação (mais de mulheres do que de homens) dos que dispõem do primário ou do 1º grau incompleto para as tarefas de limpeza, de office-boy, de porteiro e outras que não necessitam maiores capacidades de comunicação com o cliente e de requisitos pessoais mais seletivos. (DIEESE, 1999)

Não parece haver problemas quantitativos de oferta de pessoal escolarizado, de alto e médio grau de qualificação formal, haja vista a proliferação de cursos universitários de Administração, Contabilidade, Economia, Engenharia de Produção e outros de nível técnico oferecido por instituições como o SENAC (Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial) e SEBRAE (Serviço de Apoio às Pequenas e

Micros Empresas). Esse crescimento da oferta de cursos está diretamente relacionado com o aumento relativo de 144% do número de trabalhadores do setor de Ensino (Tabela 4 - Ensino). Entretanto, em relação aos profissionais que não fazem parte da área de ensino o alto grau de instrução não é garantia de emprego. Segundo POCHMANN 2001, a reestruturação produtiva estaria criando efeitos nocivos aos trabalhadores, intensificando as condições de exploração da força de trabalho ao eliminar o trabalho improdutivo, que não cria valor. Nesse contexto, o aumento da qualificação profissional não estaria associado à existência de requisitos adicionais no conteúdo dos postos de trabalho, mas sim à grande oferta de mão-de-obra, que faria que trabalhadores qualificados aceitassem empregos com baixa remuneração e que exigem menor escolaridade.

Gráfico 6 - Participação em (%) Segundo Grau de Instrução por Gênero no Setor de Serviços em Santa Catarina: um Recorte no Ano de 2005



FONTE: MTE – Relação Anual de Informações Sociais – RAIS – lei 76.900/75

Elaboração: própria

Nos últimos anos (Gráfico 6) vem ocorrendo sucessiva redução do emprego formal para trabalhadores do Setor de Serviços com baixos níveis de escolaridade e expansão para aqueles com maiores níveis de instrução. A participação de trabalhadores com baixos níveis de educação formal é ainda muito expressiva. Neste segmento a participação feminina é 41% e a masculina de 53%.

A RAIS 2005 confirma os dados de escolaridade por gênero da tabela 3 (Gênero segundo subsetores do setor de Serviços), que registram que as mulheres são mais escolarizadas. No setor de Ensino a ocupação cresceu em 21.069 mil novos empregos, entre as atividades de ocupação das mulheres verifica-se uma forte concentração feminina nas empresas em serviços sociais compostos pelas atividades da saúde, ensino e outras sem fins lucrativos. (KON, 2004)

Entre os homens no mercado formal, 47% tinham pelo menos o 2º Ensino Médio Completo ou mais, enquanto entre as mulheres este percentual atinge 59%. (Gráfico 6)

A forte heterogeneidade do emprego segundo gênero, dentro dos ramos de atividades do setor de Serviços, faz parecer que exista certos segmentos específicos de ocupações. Nos ramos de produtos químicos, farmacêuticos, serviços voltados a estética e os que envolvem habilidade e sensibilidade para serviços de moda e padronagem há predominância das mulheres. Os serviços de máquinas, equipamentos, produtos alimentícios e também os serviços que são prolongados das atividades industriais e agrícolas onde demandam maior esforço físico continuam sendo tradicionalmente dos homens. Porém há uma tendência de aumento dos percentuais de mulheres para os ramos que são tradicionalmente redutos de homens, em especial nas atividades que envolvem máquinas e equipamentos para uso profissional (DIEESE, 1999)

²Ensino Médio Incompleto abrange analfabetos, 4ª série incompleta, 4ª série completa, 8ª série incompleta, 8ª série completa e 2º grau incompleto. E no Ensino médio Completo ou mais estão incluídos os que possuem 2º grau completo, superior incompleto e superior completo. (RAIS-MTE)

5.5. EMPREGO FORMAL SEGUNDO FAIXA ETÁRIA NO SETOR DE SERVIÇOS DE SANTA CATARINA (1990-2005)

Tabela 7 - Faixa Etária em (%) do Emprego no Setor de Serviços de Santa Catarina - 1990 a 2005 (em mil unid.)

FAIXA ETÁRIA	1990	Part. (%)	2005	Part.(%)	Part. (%)	VARIÇÃO ABSOLUTA 2005/1990
	TOTAL	1990	TOTAL	2005	2005/1990	
ATÉ 17 ANOS	11.250	5,33	7.131	1,79	-36,61	-4.119
18 A 24 ANOS	48.562	23,00	83.780	21,06	72,52	35.218
25 A 29 ANOS	39.122	18,53	70.308	17,67	79,71	31.186
30 A 39 ANOS	63.331	30,00	112.440	28,26	77,54	49.109
40 A 49 ANOS	31.336	14,84	85.117	21,39	171,63	53.781
50 A 64 ANOS	13.862	6,57	37.405	9,40	169,84	23.543
65 OU MAIS	794	0,38	1.701	0,43	114,23	907
IGNORADO	2.878	1,36	4	0,00	-99,86	-2.874
TOTAL	211.135	100,00	397.886	100	549,00	186.751

Excluído: ANÁLISES DO COMPORTAMENTO DO MERCADO DE TRABALHO¶

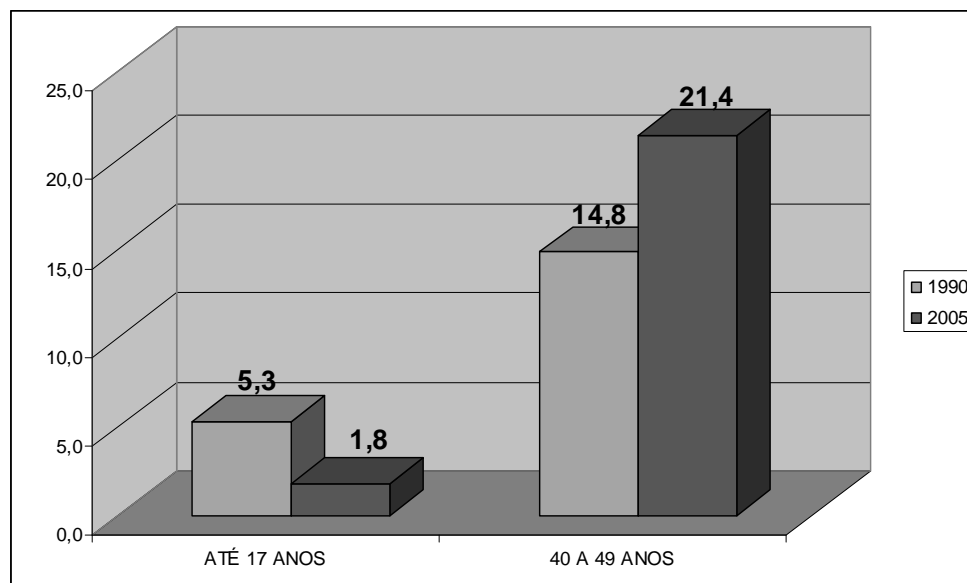
FONTE: MTE – Relação Anual de Informações Sociais – RAIS – lei 76.900/75

Elaboração: própria

O destaque, como é demonstrado na tabela 7, é o grande aumento da participação na variação relativa da faixa dos trabalhadores de 40 a 49 anos e de 50 a 64 anos de idade. No período de análise, essa faixa etária até 49 anos foi a que obteve o maior número de empregos líquidos chegando a 53,7 mil ocupações. Evidencia-se a ocorrência desses dados nas atividades de COM.ADM.TEC.PROF e MANUT.REPAR.ALOJ.ALIM (Tabela 5), que cresceram no período analisado em 66,7% e 23,12%, respectivamente. Atividades do varejo de alimentos realizadas por mini, super, e hipermercados e lojas de conveniência, segundo estudos do DIEESE 1999, tiveram crescimento no período. As grandes redes de supermercados e de lojas de departamentos, expandiram-se em geral, através da implantação de novos estabelecimentos comerciais em grandes e médios municípios do estado, gerando por isso um certo crescimento do emprego nessas atividades.

Gráfico 7 - Participação em (%) do Emprego por Faixa Etária no Setor de Serviços em Santa Catarina -1990 a 2005 (em mil unid.).

Excluído: ANÁLISES DO
COMPORTAMENTO DO
MERCADO DE TRABALHO



FONTE: MTE – Relação Anual de Informações Sociais – RAIS – lei 76.900/75

Elaboração: própria

De acordo com o Gráfico 7, a movimentação no mercado de trabalho, quando se refere à participação percentual por faixa etária, verifica-se uma maior concentração de trabalhadores com idade entre 40 a 49 anos, em detrimento dos trabalhadores de faixas etárias que estão ingressando pela primeira vez no mercado de trabalho. Esses dados estatísticos valem tanto no ano de 1990 quanto em 2005. Nos últimos quinze anos a variação relativa dos ocupados com faixa de idade de 40 a 49 anos foi de 171,6%.

Em contrapartida observa-se uma tendência de crescimento negativo para os jovens menores de 18 anos de idade que estão ingressando no mercado de trabalho no Setor de Serviços com um crescimento negativo de -36,65%. Dados da tabela 5 demonstram que em todos os subsetores analisados nessa faixa etária de menos de 18 anos houve um saldo de crescimento. A continua expansão da PEA (População Economicamente Ativa) urbana, ou seja, o crescimento das pessoas que chegam pela primeira vez ao mercado de trabalho e falta de experiência dos mais

jovens aliados à flexibilização das relações de trabalho, já citadas nessa pesquisa, levam a esses altos índices desemprego nessa faixa de idade.

5.6 EMPREGOS FORMAIS SEGUNDO FAIXA DE REMUNERAÇÃO MÉDIA NO SETOR DE SERVIÇOS DE SANTA CATARINA (1990-2005)

Tabela 8 - Faixa de Remuneração Média em (%) do Emprego no Setor de Serviços de Santa Catarina -1990 a 2005 (em mil unid.)

FAIXA SALARIAL	1990	Part.(%)	2005	Part.(%)	Part. (%)	VARIACÃO ABSOLUTA 2005/1990
	TOTAL	1990	TOTAL	2005	2005/1990	
ATE 0,50	366	0,17	2.232	0,56	509,84	1.866
0,51 1,00	7.156	3,39	17.732	4,46	147,79	10.576
1,01 2,00	47.733	22,61	166.087	41,74	247,95	118.354
2,01 3,00	42.977	20,36	94.444	23,74	119,75	51.467
3,01 4,00	28.073	13,30	37.760	9,49	34,51	9.687
4,01 5,00	17.906	8,48	19.979	5,02	11,58	2.073
5,01 7,00	19.279	9,13	19.655	4,94	1,95	376
7,01 10,00	15.123	7,16	14.200	3,57	-6,10	-923
10,01 15,00	12.839	6,08	10.079	2,53	-21,50	-2.760
15,01 20,00	5.705	2,70	5.076	1,28	-11,03	-629
MAIS DE 20,0	10.713	5,07	4.842	1,22	-54,80	-5.871
IGNORADO	3.265	1,55	5.800	1,46	77,64	2.535
Total	211.135	100,00	397.886	100	1057,58	186.751

Excluído: ANÁLISES DO COMPORTAMENTO DO MERCADO DE TRABALHO¶

FONTE: MTE – Relação Anual de Informações Sociais – RAIS – lei 76.900/75

Elaboração: própria

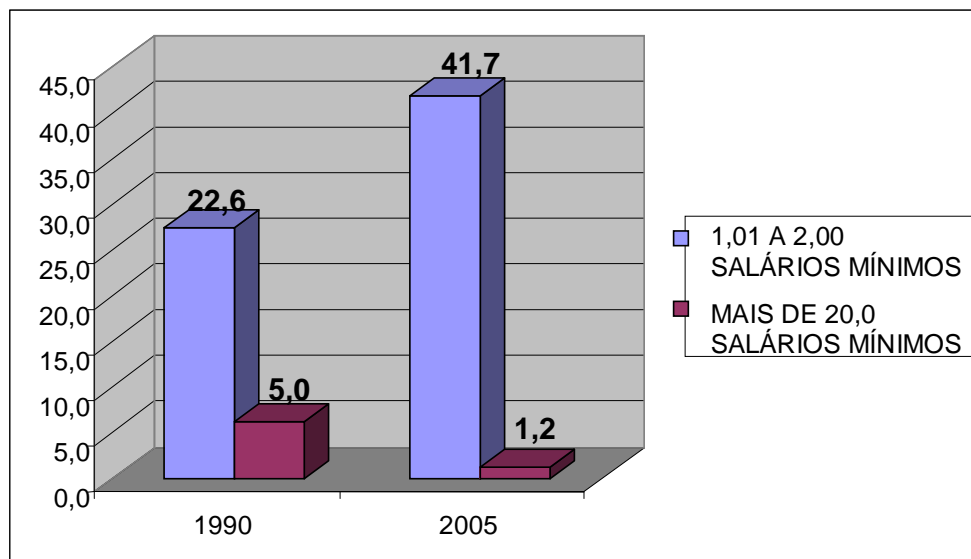
Em relação à movimentação no mercado de trabalho por faixa salarial, no emprego formal no setor de Serviços em Santa Catarina, verifica-se de acordo com a Tabela 8, que nos últimos quinze anos o maior número de trabalhadores, registrados na carteira de trabalho, concentra-se na faixa de 01 a 02 e de 2,01 a 3,00 salários mínimos. Observa-se um crescimento de 118,3 e 51,4 mil novos trabalhadores dentro dessa faixa de renda ou, um incremento, consecutivamente, de 247,95% e 119,75%. Já nas faixas de maior remuneração, verifica-se uma participação negativa a partir da faixa salarial de 7,01 a 10,00 de remuneração média. Sendo que, na faixa de maior remuneração, mais de 20,00 salários mínimos, houve a participação negativa, demonstrado na variação relativa da tabela 5, de -54,80%, excluindo 5,8 mil trabalhadores dessa faixa salarial.

Se for fazer uma análise dos distanciamentos dos salários da faixa de pior remuneração que vai de 0,50 a 3,00 salários mínimos para os de 10,01 a 20,00 salários,

pois os primeiros cresceram de 46,5% para 70,5% enquanto os segundos decresceram de 13,8% para 5%. Fica evidente deterioração da renda do conjunto de trabalhadores nessa faixa salarial específica.

O aumento da participação dos trabalhadores com a mais baixa remuneração, com até 0,50 salários mínimos, abrange uma expressiva variação relativa de crescimento em 509,8%.

Gráfico 8 - Participação em (%) Por Faixa Salarial no Setor de Serviços em Santa Catarina 1990 a 2005



FONTE: MTE – Relação Anual de Informações Sociais – RAIS – lei 76.900/75

Elaboração: própria

A participação daqueles com renda mais elevada foi reduzida. Conforme pode ser observado no gráfico 8, às faixas salariais mais baixas cresceram a elevadas taxas, atingindo uma participação relativa de 41,7% em 2005. Já a faixa de renda mais alta, com mais de 20,0 salários mínimos, demonstrou-se um decréscimo no período analisado de 5,0% e 1,28%, em 1990 e 2005, respectivamente.

5.7. EMPREGO FORMAL SEGUNDO TAMANHO DE ESTABELECIMENTO NO SETOR DE SERVIÇOS DE SANTA CATARINA (1990-2005)

Tabela 9 - Tamanho de Estabelecimento por (%) do Emprego no Setor de Serviços de Santa Catarina -1990 a 2005 (em mil unid.)

Excluído: ANÁLISES DO COMPORTAMENTO DO MERCADO DE TRABALHO ¶

TAM	1990	Part.(%)	1995	Part(%)	2000	Part. (%)	2005	Part (%)	PART. (%)	VARIAÇÃO ABSOLUTA
ESTAB	TOTAL	1990	TOTAL	1995	TOTAL	2000	TOTAL	2005	2005/1990	2005/1990
ATE 4	21.912	10,38	30.157	14,02	44.445	15,46	56.449	14,19	157,62	34.537
DE 5 A 9	18.474	8,75	25.650	11,92	36.429	12,67	50.571	12,71	173,74	32.097
DE 10 A 19	22.750	10,78	26.413	12,28	34.482	12,00	51.342	12,90	125,68	28.592
DE 20 A 49	34.082	16,14	33.709	15,67	44.258	15,40	60.786	15,28	78,35	26.704
DE 50 A 99	25.458	12,06	24.224	11,26	27.504	9,57	39.758	9,99	56,17	14.300
DE 100 A 249	30.284	14,34	28.618	13,30	32.821	11,42	35.362	8,89	16,77	5.078
DE 250 A 499	21.752	10,30	20.209	9,40	22.111	7,69	32.498	8,17	49,40	10.746
DE 500 A 999	19.521	9,25	13.492	6,27	24.131	8,40	32.176	8,09	64,83	12.655
1000 OU MAI	16.902	8,01	12.626	5,87	21.260	7,40	38.944	9,79	130,41	22.042
IGNORADO	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Total	211.135	100	215.098	100	287.441	100	397.886	100,00	852,97	186.751

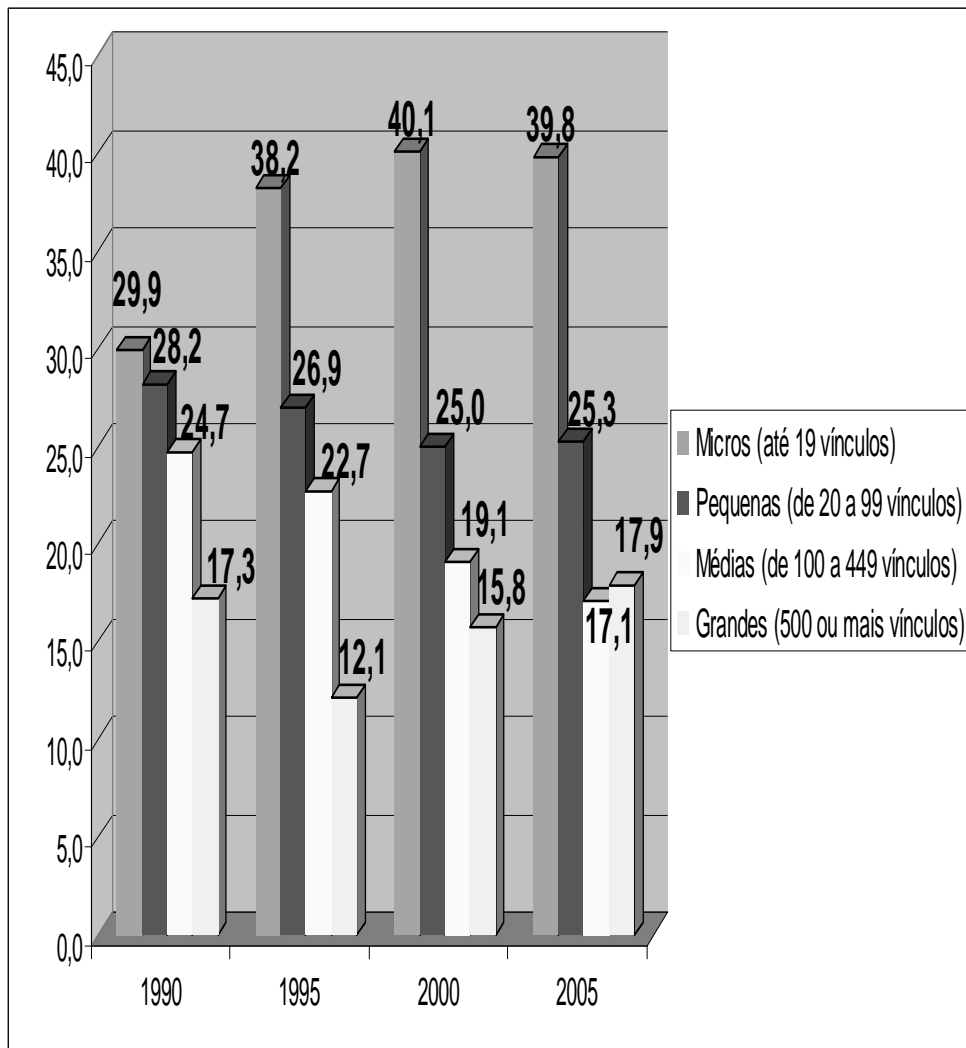
FONTE: MTE – Relação Anual de Informações Sociais – RAIS – lei 76.900/75

Elaboração: própria

Em 1990, nas micros e pequenas empresas (com até 99 empregados), estavam 58,10% do total de empregos formais no setor de serviços em Santa Catarina, enquanto que as médias e grandes (100 ou mais empregados) empregavam 41,9% dos trabalhadores. Após 15 anos, foram contratados 136.230 mil novos empregados nos micros e pequenos estabelecimentos, enquanto que nas médias e grandes empresas houve um acréscimo relativo de 50.521 mil quase 1/3 do desempenho das micros e pequenas.

O deslocamento do emprego formal entre as micros (de 1 a 19) e grandes (500 ou mais) seguiu a mesma tendência. As primeiras que empregavam cerca de 63.136 mil trabalhadores em 1990, passaram para 158.362 mil em 2005, totalizando um saldo positivo de 95.226 mil empregos. As grandes também aumentaram, porém, com saldo quase três vezes menor (34.697 mil trabalhadores). As pequenas (de 20 a 99 empregados) e as médias (de 100 a 449) , criaram 15.824 e 41.04 mil novos postos de trabalho (Tabela 9).

Gráfico 9 - Participação por (%) do Emprego por Tamanho de Estabelecimento no Setor de Serviços em Santa Catarina de 1990 a 2005



FONTE: MTE – Relação Anual de Informações Sociais – RAIS – lei 76.900/75

Elaboração: própria

Uma consulta à série histórica da RAIS demonstra que, anualmente, médios e grandes estabelecimentos vêm reduzindo sua participação no mercado de trabalho formal no Setor de Serviços enquanto os micros e pequenos vêm aumentando ou se mantendo em um nível elevado de participação. Nos micros e pequenos

estabelecimentos estavam 58,1% (Gráfico 9) do total de empregos formais no Setor de Serviços em 1990, passando para 65,1% em 1995. Mantiveram constante o crescimento em 65,1% no ano de 2000 e assim permaneceram até o ano de 2005. Os médios e grandes estabelecimentos, ao contrário, tiveram sua participação reduzida de 41,9% em 1990 para 34,8% em 1995, aumentaram insignificadamente no ano de 2000 com o percentual de 34,9% e se mantiveram nesse baixo nível de crescimento em 2005.

Esse deslocamento do emprego dos estabelecimentos de grande porte para os menores é mais uma evidência da precarização das relações de trabalho na medida em que, nas empresas menores as condições de trabalho são piores, os salários são menores e os salários indiretos quase não existem.

Por outro lado, todos os indicadores tecnológicos indicam elevados ganhos de produtividades das redes de hipermercados (DIEESE 1996), embora alguns deles e grandes cadeias de lojas tenham passado por dificuldades nos anos 90 em virtude do acirramento da competição em um mercado cuja renda e emprego estão em declínio das políticas econômicas recessivas, em particular os juros extremamente elevados. Neste contexto, os grandes capitais expandem suas vendas com a mesma quantidade ou com menos emprego, mesmo que algumas redes tenham aumentado simultaneamente os seus estabelecimentos e, com isso, o número de empregados. Empresas de ramos de atividades atacadista e varejista, em termos de crescimento de empregos, o destaque foi para o setor de produtos importados, refletindo a abertura comercial indiscriminada do período Collor. Com certeza, conforme dados mencionados nessa monografia, os anos seguintes foram muito mais positivos quanto ao crescimento do número de empresas (em especial grandes multinacionais) e de empregos relacionados ao comércio de importados. Já algumas empresas voltadas para o mercado doméstico tiveram que reduzir, devido alto grau de competitividade, em termos de empregos, o seu tamanho. De acordo com IANNI

³Para efeito de estudo foram considerados as seguintes faixas de salários de nº. de vínculos para classificar os portes de estabelecimentos:

Micros – Até 19 vínculos;

Pequenos – de 20 a 99 vínculos;

Médios – de 100 a 449 vínculos;

Grandes – 500 ou mais vínculos (RAIS-MTE)

1999, a grande mudança que define a era econômica do fim do século XX é que o mundo tornou-se crescentemente capitalista, onde todas as relações de comércio e serviços ficaram interligadas e em todos os lugares do mundo a produção é baseada no trabalho assalariado voltada para o lucro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A década de noventa caracterizou-se no Brasil e em Santa Catarina por um intenso processo de mudanças estruturais. Do ponto de vista macroeconômico, a abertura da economia à concorrência internacional e a estabilização dos preços teve efeitos importantes sobre o ritmo e a estrutura do crescimento do país. Estas mudanças, como não poderiam deixar de ocorrer, tiveram um reflexo direto sobre o desempenho do mercado de trabalho.

Na análise da distribuição da PEA ocupada, houve importantes mudanças de realocação entre os setores de atividades econômicas em Santa Catarina: a estagnação do setor primário, o setor agropecuário apesar de ter variado positivamente no período, em 2005, apresentava apenas 3% do total da ocupação de trabalhadores; houve crescimento do setor secundário representado na indústria de transformação, entretanto, os setores da indústria de utilidade pública e extrativa mineral acusaram desocupações, -4,7% e -10,2%, respectivamente. O setor da indústria de transformação teve redução no mercado de trabalho formal através da participação relativa no período que em 1990 era de 36,6% e em 2005 caiu para 33,2%. As atividades do setor terciário foram as que tiveram as maiores taxas de crescimento no período, com destaque para o setor de serviços que registrou o maior número da PEA ocupado de 1990 a 2005 em Santa Catarina.

O avanço da reestruturação produtiva e tecnológica aumentou a competição entre as empresas pela busca de menores preços e maior qualidade em seus produtos e serviços, o que implica na redução de custos e na maioria das vezes redução de empregos. As mudanças trazidas por essa reestruturação, geraram efeitos no mercado de trabalho, onde métodos gerenciais e inovações tecnológicas proporcionam maior produtividade e reduzem a quantidade de postos de trabalho nas empresas.

Em Santa Catarina, o nível de emprego formal nos anos de 1990 a 2005 apresentou um saldo líquido positivo com 625.446 mil novas vagas, sendo a maioria composta pelos setores da indústria de transformação, comércio e pelos serviços. Comparando os setores produtivos do Estado, foi o setor de serviços que manteve, em termos absolutos, o melhor saldo de emprego no período, em 187.7 mil novos

postos de trabalho, sinalizando uma realocação da PEA ocupada no Estado de Santa Catarina.

Diante do quadro do emprego formal no setor de Serviços em Santa Catarina no período de 1990 e 2005, a pesquisa aponta para as características principais. O fenômeno da globalização e da abertura econômica ocorrida a partir dos anos 90, que estabeleceram novos patamares de competitividade para as empresas, faz com que elas utilizem todos os recursos possíveis para ganhar produtividade e reduzir custos. Nesse processo ocorre a introdução de novas tecnologias, reengenharia, terceirização e prática de altos índices de rotatividade de mão-de-obra que substitui trabalhadores menos qualificados por outros com maior escolaridade. Estes, estão sujeitos a menores salários devido a grande oferta de mão-de-obra especializada no mercado de trabalho formal (tabelas 6 e 8). O presente trabalho também sugere que uma das principais causas da redução de empregos em alguns setores decorre do desemprego conjuntural, onde os fatores associados à política econômica, tais como, sobrevalorização cambial, restrição ao crédito e juros altos, atuam sobre o mercado de trabalho reduzindo a capacidade de geração de novas vagas.

A parte da pesquisa de análise empírica constatou na prática o que o referencial teórico fundamentou. Através dos dados obtidos da RAIS (MTE) são possíveis as seguintes conclusões:

Em relação ao grau de escolaridade (tabela 6), a cada ano o mercado de trabalho tem contado com mão-de-obra mais qualificada. O estudo comparativo entre os anos de 1990 e 2005 demonstrou sensível melhora no grau de escolarização dos empregados do setor de serviços, com queda no analfabetismo e no número de pessoas só com o ensino médio incompleto. Houve um acréscimo de empregados com maior grau de instrução, com ensino médio completo e ensino superior. Quando tomamos como referência a análise por gênero, fica evidente, a maior escolarização por parte das mulheres. No mercado de trabalho formal do setor de serviços 47% dos homens tinham o ensino médio completo ou mais, enquanto que as mulheres alcançaram 59% do total desse nível de instrução no ano de 2005.

Quanto à faixa etária (tabela 7), verifica-se elevação do emprego em todas as categorias, com exceção da faixa etária de até 17 anos de idade. Nessa faixa houve uma taxa de crescimento negativa de -36%. Chama atenção o aumento observado dos ocupados situados na faixa dos 40 a 49 anos de idade, que, em

termos absolutos, obtiveram o maior número de empregos líquidos gerados (53,7 mil ocupações).

Em se tratando de faixa salarial (tabela 8), os dados confirmam a idéia de que este é um setor marcado por baixos salários. Em 1990, quase 23% dos trabalhadores do mercado formal de trabalho em serviços recebiam de 1 a 2 salários mínimos. Este número cresceu para cerca de 42% em 2005. O aumento da participação dos trabalhadores com baixa remuneração após 1990, indica uma deterioração da renda do conjunto dos trabalhadores na medida em que, a participação daqueles com renda mais elevada foi reduzida. Em 2005, apenas 1,2% dos trabalhadores, estavam incluídos nas faixas de rendas mais altas (com mais de 20,0 salários mínimos). Isto significa que no mercado de trabalho de serviços um maior número de trabalhadores está recebendo menos e um menor número de trabalhadores esta recebendo mais.

No que se refere ao tamanho dos estabelecimentos (tabela 9), uma consulta à série histórica da RAIS demonstra que, anualmente, os médios e grandes estabelecimentos vêm perdendo espaço. Em 1990 contavam com 65,1% de vínculos, reduzindo esse número para 34,9% em 2005. Além do mercado de trabalho ter se tornado mais competitivo e exigente, a insegurança no emprego tornou-se grande ameaça ao trabalhador. As altas taxas de rotatividade praticadas pelas empresas sugerem que os trabalhadores ainda são tratados como um produto descartável.

No que diz respeito aos seis subsetores (tabela 2) que compõem o setor de serviços, apenas as instituições financeiras apresentaram retração no nível de emprego, devida ao processo de adaptação aos diversos planos econômicos e das reformas estruturais onde a automação, e as mudanças organizacionais, provocaram uma enorme redução em seu contingente de mão-de-obra. Os subsetores responsáveis pela maior criação de vagas no mercado de trabalho de serviços em Santa Catarina, foram os de comércio, administração, imóveis, serviços técnicos profissionais, depois os de alojamento, alimentação, manutenção e reparação seguido do Ensino. O subsetor de ensino apresentou um crescimento bastante superior à média percentual dos demais, em 1990 sua participação era de 1,8%, em 2005 chegou a 10,3%. Os subsetores de Serviços são extremamente heterogêneos e abrangem uma gama de diversidade de atividades que se estende do processo de produção mais moderno ao processo mais tradicional. Segundo Kon (2004, p.23) "... os serviços são insumos fundamentais para qualquer economia moderna e têm papel

importante na difusão de inovações e de ganhos de produtividade para os outros setores”.

Em síntese, o que mais fica evidente em relação ao que foi analisado, referente ao comportamento dos trabalhadores nas ocupações das atividades formais do setor de serviços:

Aumento da participação do gênero feminino, se comparado ao gênero masculino, isso sinaliza que as causas podem ser tanto pela queda da renda familiar quanto pela reestruturação produtiva das empresas; aumento do grau de instrução, evidenciado no aumento da ocupação de trabalhadores com 2º grau completo, esse fato sugere que as empresas, nessa nova forma de reestruturação organizacional, estão demandando trabalhadores com mão-de-obra mais qualificada, assim aumentando a produtividade e reduzindo custos, mas ao mesmo tempo impondo uma condição de trabalho ainda mais precária para os que não possuem tais qualificações; e, a redução da remuneração mensal do trabalhador, que na análise do período demonstra que o trabalhador está ocupando faixas de remuneração de baixos salários mínimos.

Nesse sentido, observa-se que o processo de reestruturação produtiva pelo qual passaram as empresas brasileiras e catarinenses, nos anos noventa, precarizou às relações de trabalho.

A expansão do setor terciário é a que ficou mais evidente, e a atividade de serviços é a que mais desponta como absorvedora da mão-de-obra excedente dos demais setores da economia no Mercado de Trabalho Formal em Santa Catarina.

|

|

RECOMENDAÇÕES

Sugere-se para futuros trabalhos, estudos que aprofundem o impacto causado nas empresas pela reestruturação produtiva e tecnológica em termos de novas funções a serem exercidas, novos procedimentos de trabalho e novas exigências de contratação. Recomenda-se também estudos que façam comparações analíticas entre os subsetores que compõem o setor de serviços, visando diferenças no seu interior, dado que este setor é muito heterogêneo e logo apresenta especificidades e particularidades próprias em cada atividade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Excluído: 4

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas. **ISSO 8402 Gestão da Qualidade e Garantia da qualidade: Terminologia**. Rio de Janeiro: 1994.

ALVES, Edgard Luiz Gutierrez, AMORIM, Brunu M. F., CUNHA, George H. M. **Emprego e ocupação: algumas evidências da evolução do mercado de trabalho por gênero na grande São Paulo 1988/1995.. Texto para discussão**. Brasília, n. 497, 1997. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br>. Acesso em: 25 out. 2007.

ALVES, G. **Trabalho e sindicalismo no Brasil: um balanço crítico da “década neoliberal”** (1990 – 2000). Revista de sociologia e política, Curitiba, V. 19, p. 71-94, 2002.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?** São Paulo: Cortez/Unicamp, 1995.

AURUCH, M., BUZZI, D., TAVARES, D., BURLAMAQUE, H., ROEDER, R. **Contribuição para uma política de emprego na região Sul**. Paraná: IBNP, 1984. BEUREN, Ilse Maria (Org.). Como elaborar trabalhos monográficos. São Paulo: Atlas, 2003.

Excluído: ¶

Excluído: 117 p. ¶

CHAHAD, J.P.Z.; PICHETTI, P. **Mercado de Trabalho no Brasil: Padrões de Comportamento e transformações Institucionais**. São Pailo: LTR, 2003.

CAMPOS, R. **As Angústias da Globalização**. Gazeta do Povo. Curitiba, 15 de fev. 1998.

CASTELLS, Manuel. **Economia em rede: as transformações do trabalho e do mercado de trabalho – trabalhadores ativos na rede, desempregos e trabalhadores com jornada flexível**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTEL, Robert. 1999. **As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário**. Trad. De Iraci Poleti, 2 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 255 p.

CATTANI, Antônio David. **Trabalho e autonomia**. Petrópolis: Vozes, 1996.

CHIAVENATO, IDALBERTO. **Gerenciando Pessoas**. São Paulo: Makron Books, 1994, 1992.

COUTINHO, L.A **terceira Revolução Industrial e Tecnológica: as grandes tendências de mudança**. In: Revista Economia e Sociedade, n.1, ago. 1992.

DEDECCA, C. S. **Emprego e Qualificação no Brasil dos anos 90**. II Encontro Nacional de Economia Política. Rio de Janeiro, 1998.

DIEESE-SC. **Reestruturação produtiva e emprego na indústria de Santa Catarina.** Florianópolis, dez. 1996. Estudo Especial.

Excluído: ¶

DIEESE. **Pesquisa de Emprego e desemprego (PED).** Disponível em www.ped.com.br. Acesso em 21/05/2007 (em relação aos conceitos de emprego).

DRUCKER, Peter Ferdinand. **Sociedade Pós Capitalista.** 5ª ed. São Paulo: Pioneira, 1996.

FACHIN, Odília. **Fundamentos de metodologia.** 3ª. ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

FILHO, Silvério Tele Baeta Zebal. **Globalização, Desemprego e Desigualdade: Evidências, Mitos e Desafios do mercado de Trabalho Brasileiro.** Brasília: Coronária 1997.

FJP-FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. **Emprego e Desemprego.** Disponível em www.fjp.gov.br. Acesso em Fevereiro de 2008.

GALBRAITH, John Kenneth. **O Novo Estado Industrial.** 4ª ed. São Paulo: Pioneira, 1992.

Excluído: p

GIL, Antônio Carlos. **Técnica de Pesquisa em Economia e Elaboração de Monografias.** São Paulo: Atlas, 2002.

Excluído: ¶

Excluído: e

GUNET, T. **Fordismo e toyotismo na civilização do automóvel.** São Paulo: Boitempo editorial, 1999.

GOULARTI FILHO, A.; JENOVEVA NETO, R. **A indústria do vestuário: economia, estética e tecnologia.** Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1997.

GOULARTI FILHO, A. **Formação econômica de Santa Catarina. Anais do V Congresso Brasileiro de História Econômica e 6ª Conferência Internacional de História** 052, ABPHE - Associação Brasileira de Pesquisadores em História Econômica (Brazilian Economic History Society), 2003.

Excluído: ¶

GOTTDIENER, M. **A teoria da crise e a reestruturação sócio-espacial: o caso dos estados Unidos.** In: VALLADARES, Lúcia do Prado; PRETECEILLE, Edmond (Cord.). Reestruturação urbana: tendências e desafios. São Paulo: Nobel: [Rio de Janeiro: IUPERJ], 1990. p. 59-78.

GUIMARÃES, N. A.. Por uma sociologia do desemprego. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 17, n. 50, out. 2002.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna:** uma pesquisa sobre a origem da mudança cultural. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

HOFFMANN, Helga. **Desemprego e Subemprego no Brasil.** São Paulo: Ática, 1990. 184 p.

IANNI, Octavio. **A sociedade global**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

IBGE. **Indicadores Conjunturas da Indústria, Emprego e Salário**. Disponível em: <<http://www1.ibge.gov.br/lojavirtual/fichatecnica.php?codigoproduto=8259&mídia>> Acesso em: 22nov. 2004.

IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – **Boletim Conjuntura Mercado de Trabalho**. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/pub/bcmt_24.pdf> Acesso em: 22/05/2006 (conceito de mercado de trabalho).

IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **O SETOR SERVIÇOS NO BRASIL: UMA VISÃO GLOBAL — 1985/95** Disponível em: < <http://www.ipea.gov.br/pub/>> Acesso em: 27/07/2006 (em relação ao conceito de Serviços)

_____. **Boletim de Política Industrial, acompanhamento e análise**. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/pub/bpi_23.pdf> Acesso em: 22 nov. 2004. IPEA.

_____. **Boletimconjuntural48**.Disponívelem:<http://www.ipea.gov.br/pub/bc_48>Acesso em: 22 nov. 2004.

KON, Anita. **Sobre as Atividades de Serviços: revendo conceitos e tipologias**. Revista de Economia Política, São Paulo, vol.19, nº 2 (74), p. 64-82, abril/junho, 1999

KON, Anita. **Economia de Serviços:Teoria e Evolução no Brasil**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho Científico**. São Paulo: Atlas, 1991.

LIMA NETO, A. **Direito do trabalho – flexibilização e banco de horas**. Gazeta do Povo. Curitiba, 09 mar. 1998

Excluído: 1

LEITE, M. : **O futuro do trabalho. Novas tecnologias e subjetividade operária**. São Paulo: Scritta.1994

LEITE, Márcia de Paula: **Reestruturação produtiva, novas tecnologias e novas formas de gestão da mão-de-obra**. São Paulo: Scritta.1996

MATTOS DE PAIVA, F. A. Reflexões sobre o desemprego. **Agência Metropolitana de Notícias**. São Paulo, 09 dez. 1998

MATTOSO, Jorge E. L. **O Brasil desempregado**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1999.

MATTOSO, Jorge E. L. A desordem do trabalho. 1º edição SP: 1996.

MELLO, I. J. **As formas singulares da reestruturação produtiva na indústria têxtil catarinense**. Relatório Final de Atividades, DIEESE, 2000.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 2. ed. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 1993.

MONTANHOLE, Ednilson. **A globalização: a mundialização do capitalismo**. Disponível em <<http://www.ednilsom.hpg.ig.com.br/glondial.html>> Acesso em: 19 set. 2006.

MONTIBELLER, Gilberto F. IDSA: **Um Método de Avaliação do Desenvolvimento socioeconômico e ambiental**. UFSC, Florianópolis, set. 2000. (mimeo)

MONLEVADE, J. **Educação Pública no Brasil-contos & Descontos**. Brasília: Editora. Brasília, 1997.

MORAIS, Leandro Pereira. **Formação econômico-social, urbanização e o emprego em serviços pessoais e domiciliares no Brasil: modernidade ou volta ao passado?** Disponível em: <http://www.perspececonomica.unisin.br>. Acesso em 02 nov. 2007.

NOGUEIRA, Paulo Batista Jr. **Mitos Da Globalização**. Disponível em: <http://www.scielo.br> Acesso em 04 maio. 2007.

POCHMANN, Márcio. **O emprego na globalização: a nova divisão internacional do trabalho e os caminhos que o Brasil escolheu**. São Paulo: Boitempo, 2001. 151p. 38.

Rifkin, Jeremy. **O Fim dos Empregos: O Declínio Inevitável dos Níveis dos Empregos e a Redução da Força Global de Trabalho**. São Paulo: M. Books do Brasil Ltda, 1995.

Rifkin, Jeremy. **O Fim dos Empregos: O contínuo crescimento do desemprego em todo o mundo**. São Paulo: M. Books do Brasil Ltda, 2004.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Eстера Muszkat. **Metodologia a Pesquisa e Elaboração de Dissertação**. 3 ed. Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2001.

SINGER, Paul. **A cooperativa é uma empresa socialista**. In: GUIMARÃES, Gonçalo (org). **Sindicalismo e Cooperativismo**. Unitrabalho, 1999.

SOARES, Laura Tavares. **Os custos Sociais do ajuste neoliberal na América Latina**. São Paulo, Cortez, 2000.

SANDRONI, Paulo. **Novo Dicionário de Economia**. 1 ed. São Paulo: Best Seller, 1994.

VIZENTINI, Paulo Fagundes. **A nova ordem global: relações internacionais do século XX**. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 1996.